UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS
BACHARELADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ALLAN VALIN RIBEIRO DA FONSECA

VIRGÍLIO MARÃO GRAMÁTICO: TRADUÇÃO DE UMA PARÓDIA.

CURITIBA
2013

ALLAN VALIN RIBEIRO DA FONSECA

VIRGÍLIO MARÃO GRAMÁTICO: TRADUÇÃO DE UMA PARÓDIA.

Monografia apresentada à disciplina de Orientação Monográfica II do curso de Letras Português e Latim da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras com ênfase em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Guilherme Gontijo Flores.

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

Ao CELEM do IEPPEP, onde estudei espanhol e francês por três anos, o que me fez pensar em fazer letras.

Ao programa de ensino de língua portuguesa das escolas públicas, por me fazer odiar a gramática normativa prescritiva, guiando-me até a linguística e tornando a ideia de traduzir uma paródia de gramática algo muito bacana.

À minha mãe e ao Exército Brasileiro, com os quais tenho dívidas morais que me fizeram estudar para entrar em um curso de graduação e ser alguém na vida.

Às bandas de metal melódico de minha adolescência, que não raramente usavam latim em suas músicas (vide “LAVDATE DOMINVM”, da Helloween).

À coordenadora do curso de Letras da UFPR de 2008, Eva, por me sugerir estudar Língua Latina I como optativa, e aos professores do DELEM por me fazerem ver que eu preferia o latim ao inglês.

Aos professores de Clássicas: Giovanna, Alessandro, Rodrigo (orientador da IC, culpado por me sugerir “trabatalhar” com Virgílio Marão Gramático) e Guilherme (orientador da monografia, que perseverou comigo e não se deixou enlouquecer pelo autor... eu espero), por me ensinarem o que eu sei do idioma.

Aos amigos que me aguentaram falar apenas sobre paródia de gramática e nunca entenderam muito bem sobre o que era o meu trabalho.

À NZN por me conceder suporte financeiro (derivado do meu trabalho, claro) e a possibilidade de treinar diariamente a minha escrita.

Ao autor, Marão, por ser um esquizofrênico e louco varrido (ou não) que muitas vezes me lançou num abismo de terror e desespero.

A mim. Porque eu sou legal e ainda vou fazer a tradução completa da obra.

RESUMO

A presente monografia visa a apresentar uma tradução parcial da obra paródica de Virgílio Marão Gramático, que é constituída pelos quatro primeiros epítomes. A introdução aborda questões que dizem respeito à datação e outros elementos característicos dos manuscritos sobreviventes, bem como sobre como estudiosos do século XIX não adotavam a visão de análise com viés paródico, mas apenas consideravam Marão um ignorante. Usando trechos da tradução supracitada para realizar uma comparação com Donato (famoso gramático tardo-antigo), e citações de textos teóricos mais recentes sobre o autor, são apresentados argumentos para comprovar que o Virgílio Gramático escreveu uma paródia de gramática do latim, refutando a já mencionada ideia dos primeiros estudos modernos sobre a obra. Uma vez comprovada a paródia, a etapa seguinte compara a tradução para o português com uma versão italiana, bem como exibe exemplos de três edições encontradas do texto, apontando diferenças substanciais que interferem no resultado final da tradução. Além disso, teorias dos estudos tradutológicos são associadas à versão portuguesa de Virgílio, as quais são comprovadas quando o último capítulo traz uma tradução bilíngue (latim/português) dos epítomes iniciais do texto latino – esta inclui uma lista de palavras estranhas, muitas das quais são neologismos, adaptações a partir de outros idiomas ou simples criações originais.

Palavras-chave: Virgílio. Marão. Gramático. Gramática. Paródia. Latim. Tradução. Português.

ABSTRACT

This paper aims to bring about a partial translation of Virgilius Maro Grammaticus' parodic work, which consists in the first four epitomes. The introduction deals with questions about its period and characteristics of the surviving manuscripts, as well as how the 19th century scholars did not adopt a parodic analysis, choosing to consider Maro a fool. Using excerpts from the aforementioned translation to compare it with Donatus (famous late-old grammarian), and quotations from recent theoric texts about Maro, arguments are shown to prove that Virgilius Grammaticus wrote a parodic Latin grammar, refuting the already mentioned idea defended by the first modern studies concerning his work. Once parody is validated, the following part compares the Portuguese translation with an Italian version, as well as it contains samples from three editions, pointing substantial differences which interfere on the final result of the translation. Furthermore, theories from translation studies are associated to Virgilius' Portuguese version, which are validated when the last chapter brings a bilingual translation (Latin/Portuguese) from the initial epitomes of the text – it includes a list with strange words, many of them neologisms, adaptations from other languages or original creations.

Keywords: Virgilius. Maro. Grammaticus. Grammar. Parody. Latin.Translation. Portuguese.

SUMÁRIO

ADPRESENTAMENTO 5

1. INTRODUÇÃO 7

2. PARÓDIA 15

2.1. Donato x Virgílio Marão 15
2.2. Retóricos de Toulouse, uma paródia por si só 20
2.3. Comparativo com outras gramáticas medievais, por Mererich 22
2.4. Neologismos, comparações absurdas, invencionice, autoridades / citações falsas 24
2.5. Aspectos linguísticos estranhos: erro ou intenção? 30

3. SOBRE A TRADUÇÃO 34

3.1. Um primeiro contato 34
3.2. Recriação poética 36

4. TRADUÇÃO DOS QUATRO PRIMEIROS EPÍTOMES 46

Epítome I: *de sapientia* 47
Epítome II: *de littera* 51
Epítome III: *de syllabis* 57
Epítome IV: *de metrorum conpossitione* 59
Lista de palavras estranhas 79

CONCLUSÃO 83

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 86

ADPRESENTAMENTO

Virgílio Marão Gramático é um dos grandenormes nomes da sabença na Idade Média, pelo menos nos monastérios mais inconhecidos. Nascido na Irlanda, em 615, era filho de pais judeus e vivou no país até sua adulescência, quando começou a vida de copista. Devido ao seu trabalho árduro, que em tudo superava os de seus colegados, ele foi translocado para a Espanha, onde poderia ter acesso a mais obras carecendo de nova versão manuscrita.

Embora nunca tenha recusado nenhum tipo de assunto dos livros copiandos, o interesse de Virgílio por gramáticas de latim era aetreo, assim como por obras relacionadas à filosofia e à religião. Um notável professor de Virgílio, detentor de inigualável eloquenciosidade em relação à minusculisce de latinidades escalonadamente decelsas, era conhecido como Enéias (o qual teria vivido por 200 anos), de quem o famoso gramático Donato também era discípulo. Como era mais velho, nosso autor caractou primeiro as suas obras, porém Donato se aproveitou do talento do colegado para atomar para si alguns temas abordados por ele, resultando assim um quase todamente paralelismo entre os escritos dos ambos. Na verdade, Virgílio nunca se importou com isso, pois até mesmo respondia cartas enviadas pelo calouro, após este ter mudado de monastério, para tirar algumas das suas dúvidas mais téleas.

As correspítulas que nos achegaram foram trocadas não apenas com Donato, mas também com outros indivíduos interessados pelo tema. Por causa disso, após terminar seus epítomes, generalmente comparados a *Ars Maior* de Donato, Virgílio Marão recebeu várias críticas sobre o modos como teria abordado algumas passagens, ou por ter deixado alguns assuntos importantes de lado. Como resultado disso, surgiu o conjunto de cartas que trata de temas similelos aos da *Ars Minor* de Donato. Basicamente, Virgílio escreveu suas epístolas em resposta às pessoas que o criticaram, explicando de forma mais simples e ensinática para quem não foi capaz de entender o que ele disse na primeira versão do texto.

A morte de Virgílio Gramático foi trágica (espiritou-se vítima de um silulêndio) e certamente prematura, em 1283, impedindo que o auctor pudesse escrever mais

obras para deixar exposta às gerações venidouras a sua sabialidade lingual. Como se pode conferir logo no primeiro epítome, *de sapientia*, não apenas a temática aborda um assunto tão vasto como a sabença, como o próprio estilo do autor se torna evidente em todo o requinte. As palavras seletadas são de um nível tão arcaico que é quase impossível encontrar muitas delas, mesmo nos melhores dicionários, mostrando o grau extremo de erudição do autor capaz de usar o inusitado, quando não o inaudito. No mesmo epítome, o gramático revela uma questão complexa, deixada de lado mesmo pelos melhoros gramáticos, o que seriam 12 dialetos do latim, os quais nunca foram revelados por nenhum outro autor: ninguém mais teve a coragem e a ousadia de fazer observações que praticamente beiram a sociolinguística, mostrando a língua como ela realmente era, em vez de mera mente prescrever como o latim deveria ser falado ou escrito. Nas demais epítomes, o autor trata de assuntos mais pontualizados, como o valor numérico de cada uma das letras do alfabeto latino, algo fundamentante que foi completamente perdido no tempo, como a pronuncia é alterada em encontros consonantais específicos, quais são as regras de versificação para se fazer um belo poema, entre outros assuntos.

Infelixmente, sua obra tem sido pouco editada e menas comentada do que deveria, talvez por sua complexidade amirável, talvez por não haver adentrado no canone, talvez por mero desprezo dos insipientes infelizes que não obtiveram a sorte de ler seus Opera omnia.

Diante de tal contexto microdesenvolvido nos estudos dos estudiosos mais estudados no assunto, o intuíto deste labor é demostrar – quiçá pela vez primeira em língua brasileira – como a arte de Virgílio Marão, tanto na escritura quanto na sabença gramatical, pode ser vista como um pensar perfundo sobre o prório gênero literato em que a gramática se inserta. Como se poderia sperar, o estúdio dessa magna obra será devida mente adcumpanhada de uma traducção literata que vize a fazer juz a tal escritura.

1. INTRODUÇÃO

Eu realmente espero que você não tenha achado que a apresentação foi escrita dessa maneira por puro descaso, ignorância ou qualquer coisa do gênero. Ela foi um experimento, uma maneira de mostrar qual a primeira reação que o leitor tem ao ler o texto em latim de Virgílio, com a intenção de gerar uma reflexão sobre não apenas o autor, como o seu estilo e maneira como o conteúdo é abordado.

Caso tudo no "adpresentamento" fosse verdade, trabalhar com Virgílio Marão Gramático seria muito mais simples. Porém, o fato é que praticamente nada a respeito do autor é certo: datação, nome e até mesmo a sanidade dele são colocadas em xeque quando a obra é analisada com cuidado. Talvez por causa disso não haja praticamente nada de fortuna crítica, de fácil acesso e vastamente difundida, sobre ele. Contudo, a questão-chave seria a seguinte: por que a sua obra chegou até nós, qual a razão de sequer ter sido copiada? Resposta não há, mas talvez esta monografia clareie a questão.

Uma vez que introduzimos a questão-base sobre o autor e sua obra, falemos um pouco sobre o que me levou a trabalhar com ele antes de nos aprofundamos no assunto.

Embora tenha entrado no curso, em 2008, na habilitação simples de inglês (com ênfase em estudos linguísticos), bastou apenas cursar as disciplinas de Língua Latina I e II como optativas para me apaixonar perdidamente pela área de Letras Clássicas. Em 2009, pedi a transferência definitiva, mantendo a ênfase, o que também me fez procurar uma maneira de estudar linguística como aluno do latim. No ano seguinte, conforme sugestão de meu atual orientador, Guilherme Gontijo Flores, comecei a participar de um projeto de Iniciação Científica (IC). Esta foi realizada até o segundo semestre de 2011 com o professor Rodrigo Tadeu Gonçalves. Quando primeiro conversamos sobre a IC, eu não tinha a menor ideia sobre qual tema eu abordaria, mas logo foram dadas algumas sugestões, e dentre elas eu prontamente optei por trabalhar com aquela tal "paródia de gramática" (confesso que minha motivação primeira foi uma "birra" contra a gramática tradicional, mas bastou começar a tradução para querer dar continuidade pela própria estranheza e desafio do texto de Virgílio Gramático).

Até então, eu não sabia onde estava me metendo: não existia praticamente nada em português sobre o autor ou sobre a obra, a internet ainda não possuía muita coisa disponível além do texto em latim, e páginas online de compras internacionais de livros apresentavam preços absurdos ao vender traduções dos epítomes e epístolas supostamente escritas pelo "Virgílio Gramático". A ideia inicial do projeto era simplesmente traduzir tudo do autor, algo que se provou impraticável para uma mera IC, pelo menos com a abordagem utilizada (basicamente, quando você tenta traduzir o texto sem saber que ele pode ser lido como paródia, tentar entender seriamente os "erros" de concordância, conjugação, ortografia e declinação torna a tarefa muito mais difícil do que ela já é ao se utilizar uma abordagem mais "liberal", na qual se usa um pouco de intuição para entender o que está acontecendo no texto). No fim, o relatório acabou sendo constituído praticamente de um estudo e comentário do livro *Wisdom, Authority and Grammar in the Seventh Century – Decoding Virgilius Maro Grammaticus* de Viven Law, a partir do qual a discussão foi baseada.

Ao pensar em fazer a monografia, não tinha a intenção inicial de continuar trabalhando com a obra de Virgílio Marão, dadas as dificuldades já mencionadas acima e o fato de o orientador estar fazendo o seu pós-doutorado na França, onde passaria um ano. Por causa disso, aconteceu essa mudança de professor-guia e foi também a razão por que procurei buscar outro tema. Este seria, em princípio, algo relacionado ao estudo de paródia: para esta temática tão "específica", a primeira sugestão recebida foi trabalhar com os Centões Cristãos. Porém, como não tive um interesse muito grande por esse novo tema, principalmente após lê-los e sem conseguir identificar precisamente como ocorria a paródia neles, resolvi mencionar meu trabalho anterior com a IC. Desta vez, usando essa aproximação "liberal", foi possível traduzir em um semestre os quatro primeiros epítomes da obra, sobre os quais a discussão principal desta monografia será baseada (considerando que ainda há uma grande falta de fortuna crítica disponível a respeito dela para embasar os argumentos e as observações a respeito da obra).

Virgilius Maro Grammaticus é um dos gramáticos mais obscuros de que se tem notícia. Na verdade, o termo "gramático" talvez não seja o mais apropriado, pois sua obra (conjunto de 15 epítomes e oito epístolas) é caracterizada por,

provavelmente, ser uma paródia de gramática. Digo “provavelmente” porque todas as informações a respeito do autor são imprecisas, desde sua datação até o lugar em que sua obra foi escrita. Devido a citações sobre temas pontuais em obras de outros gramáticos, os estudiosos que trabalharam com Virgílio acreditam que ele seja do século VII, por volta da década de 650 – afinal, ele seria posterior a Isidoro de Sevilha (560-636) e anterior a Aldelmo de Malmesbury (640-710), já que ambos teriam tratado sobre o número de divisões que a alma possuiria. No entanto, essa é apenas uma das teorias: considerando os quatro principais manuscritos que sobraram da obra, seria possível datá-lo entre o início do século IX e a segunda metade do XI. O interessante, contudo, é a origem geográfica desses manuscritos: Luxeuil, Île de France, Corbie e Salisburgo. O denominador comum de todos seria que todos fariam parte do Império Carolíngio, onde o componente cultural irlandês seria não apenas ativo, mas talvez até mesmo predominante (apud Polara 1979, p. XXXV).

Repleto de alusões a autoridades desconhecidas e associação de frases a autores de prestígio que nunca as proferiram, supõe-se que esta obra foi polêmica do momento em que foi publicada até hoje, pois muitas vezes trata sobre temas controversos à visão católica romana – o que provavelmente garantiu sua sobrevivência quase integral[1]. Assim, vemos que se trata de uma gramática *sui generis*: o primeiro de seus epítomes trata da sabedoria, algo não presente em outras gramáticas, sejam elas medievais, clássicas ou modernas.

Uma curiosa menção feita sobre Virgílio veio de Mikhail Bakhtin (1993, p. 388). No texto, o autor faz uma longa cronologia sobre a história do romance e, ao chegar na Idade Média, comenta sobre obras recreativas de caráter paródico-travestizante serem largamente produzidas nos mosteiros. Estas tratariam dos assuntos abordados durante o ano escolar, desde as Sagradas Escrituras até a gramática.

Baseado nos estudos de Paul Lehmann, Bakhtin aponta que na Idade Média houve uma série de variações paródicas e travestizantes da gramática latina – envolvendo, por exemplo, ora o plano erótico e obsceno, ora o plano da comilança e

[1] Segundo a opinião de Vivien Law, em *Wisdom, Authority and Grammar in the Seventh Century – Decoding Virgilius Maro Grammaticus*. Apesar disso, boa parte dos manuscritos da obra é encontrada em coletâneas escolares, seja pelos temas variados ou simplesmente por se autointitular como gramática.

da beberagem, ora em um plano de ridicularização da hierarquia e da disciplina eclesiástica e monástica –, sendo estas encabeçadas pela obra de Virgílio: extraordinariamente sábia, saturada de uma quantidade incrível de referências, com análises gramaticais sérias e bastante sutis que se entrelaçam com exageros paródicos. Enfim, no seu conjunto, a obra seria uma soberba e refinada paródia do pensamento formal e gramatical do fim da Antiguidade – a qual é definida por Bakhtin como saturnália[2] medieval, a *Grammatica Pileata*.

O autor ainda comenta sobre o fato de muitos medievalistas levarem a sério o tratado gramatical de Virgílio, dizendo que, mesmo em sua época, eles ainda não eram unânimes quanto à avaliação do seu caráter e do grau de parodicidade – algo que, segundo Bakhtin, provaria como são frágeis os limites, na literatura medieval, entre a palavra direta e a palavra parodicamente refrangente.

Um estudo inicial mais específico, e muito comum ao abordar obras antigas, começa com a análise do contexto histórico, que envolve revelar a identidade do autor, fontes de referência, bem como identificar quando e onde foi escrita. Com Virgílio Gramático, no entanto, como já foi dito, todas essas informações básicas são incertas (e.g.: as datas sugeridas variam do século V ao IX, enquanto os locais entre várias partes da Gália, Irlanda e Espanha); apesar disso, as informações mais aceitas pela comunidade acadêmica são a década de 650 e a nacionalidade (ou apenas influência) irlandesa, devido a fatos pontuais levantados ao longo dos séculos.

Quanto ao estilo usado, somente a partir da observação de Paul Lehmann (apud Law 1995, p. 3), depois da Primeira Guerra Mundial, o texto deixou de ser interpretado literalmente (os estudiosos acreditavam ser ela uma tentativa séria de um professor ignorante, em um lugar remoto do Império Romano) em favor de uma abordagem que o considera uma paródia da pomposidade solene das gramáticas escritas no final da Antiguidade Tardia. Tal abordagem ajuda a identificar quais problemas devem ser identificados no texto, pois de outra forma passariam despercebidos para o leitor moderno; no caso do leitor medieval, não há como ter certeza se a mensagem de Virgílio era identificada, uma vez que muitos textos de

[2] Antiga festividade da religião romana dedicada ao templo de Saturno e à mítica Idade de Ouro. Poderia ser comparada, grosso modo, ao carnaval brasileiro.

leitura obrigatória para eles não chegaram a nós, algo que dificulta a identificação exata de referências indiretas – sendo essa gramática baseada em algumas informações e citações falsas, seria útil saber quando determinada passagem foi distorcida.

Leve-se em conta que a grande maioria da obra sobreviveu graças a várias coletâneas de gramáticas copiadas ao longo dos séculos, é possível imaginar que a manipulação de gênero tenha sido entendida como algo digno de ser repassado para as gerações futuras – principalmente porque algumas dessas seleções tinham propósitos claramente didáticos.

Existe um total de 15 epítomes (supostamente três foram perdidos no tempo[3]), as quais abordam os seguintes temas, respectivamente, na ordem: a sabedoria (*De sapientia*); a letra (*De littera*); a sílaba (*De syllabis*); a métrica (*De metrorum conpossitione*); o substantivo (*De nomine*); o pronome (*De pronomine*); o verbo (*De verbi qualitate*); a conjugação dos verbos (*De accidentibus verbi sex aliis*); o advérbio (*De reliquis partibus orationis*); o barbarismo (*De scinderatione fonorum*); o solecismo (*De cognationibus etymologiae aliorum nominum*); e, o metaplasmo. Além das epítomes, há também oito epístolas (mais prefácio), as quais são divididas da seguinte maneira: prefácio (*Praefatio*); substantivo (*De nomine*); pronome (*De pronomine*); verbo (*De verbo*); advérbio (*De adverbio*); particípio (*De participio*); conjunção (*De coniunctione*); preposição (*De praepossitione*); e, interjeição (*De interiectione*).

Epítomes e epístolas constituem gramáticas latinas. Afinal, são escritas em latim, tratam de temas relacionados ao idioma e apresentam estrutura similar à *Ars Maior* (epítomes) e *Ars Minor* (epístolas), de Donato – um dos gramáticos mais importantes da Antiguidade Tardia (*circa* 350 d.C.). A primeira começa com capítulos acerca das menores unidades da palavra e avança para as oito partes do discurso. No segundo caso, os capítulos tratam somente sobre as partes do discurso, sendo uma epístola para cada uma delas. Todavia, Virgílio ensina construções que não existem em nenhuma outra gramática e usa um vocabulário rico em neologismos e

[3] A nota introdutória de Mirella Ferrari à edição de G. Polara sugere que os fragmentos desses epítomes apontariam uma possível “fraude” de perda no tempo, ou seja, Virgílio Marão não as teria escrito por completo de propósito.

invenções lexicais, como já foi dito e como se há de demonstrar ao longo desta monografia.

Dependendo da edição, a obra de Virgílio varia entre 160 e 200 páginas, algo intrigante devido ao fato de o gênero "paródia" na Idade Média ser caracterizado pela brevidade e, além disso, porque seu tamanho excede o de qualquer gramática séria feita até a época de Prisciano (por volta de 500 d.C.). Vários outros fatores a distinguem do modelo tradicional de gramática, a começar pelos temas tratados e a maneira como são abordados. O exemplo mais notório está no tema da primeira epítome: a sabedoria. Apesar de bastante comum na tradição medieval, este é um tema extremamente anômalo para uma gramática, mas que pode ser interpretado como uma das chaves para a interpretação bem sucedida da obra, pois nele Virgílio alerta sobre os significados escondidos das palavras, a verdadeira significação de nomes próprios, e ainda, acerca das possibilidades de interpretação terrena e divina. Para diferenciar essas interpretações, o autor cria distinções técnicas para caracterizar cada uma, tais como: o verbo da segunda declinação *video* ("ver") para identificar aquilo visto pelos olhos carnais (*oculi carnis*) e o neologismo *vido* ("var", em tradução livre), baseado no mesmo verbo, mas usando a primeira declinação, para representar aquilo que pode ser visto somente pelos "olhos da mente" (*oculi mentis*). Mas por que ele se daria ao trabalho de pensar em distinções tão relevantes com a simples intenção de parodiar comicamente um estilo? Esta é uma das perguntas que ainda não foram respondidas sobre a obra, e talvez nunca sejam.

Ao considerarmos a quantidade de temas polêmicos presentes no texto de Virgílio, é possível imaginar que disfarçá-lo como gramática tenha sido uma maneira de divulgar opiniões e pensamentos considerados hereges sem associá-los ao autor (consequentemente, também uma forma de preservar sua integridade física). Uma polêmica relativamente perigosa seria a afirmação da existência de "corpo, alma e espírito", pois o posicionamento de boa parte dos membros da Igreja Católica Ocidental na suposta época mais provável em que Marão teria vivido (século VII) era de não reconhecer a existência de um espírito individual para cada ser humano (apud Law 1995, p. 57).

Terminada esta parte mais introdutória, sobre o autor e sua obra (bem como o meu percurso para chegar até a redação desta monografia), chegou o momento de explicitar como o restante deste trabalho será estruturado. No capítulo 2, citações são apenas um dos tópicos que serão mencionados. Nele, a proposta é abordar os elementos que explicitam a paródia no texto dos epítomes (traduzidos no capítulo 4); por exemplo: considerando a escrita da gramática de Virgílio Marão durante a Antiguidade Tardia, é bem possível supor que ele o fez enquanto estava num monastério e, como sua formação de base provavelmente incluía vários textos famosos, acaba sendo difícil acreditar que citações inexistentes de autoridades famosas e citações famosas associadas a autores inventados tenham sido feitas por engano; isto é, não é impossível achar que isso foi feito na má-fé (talvez para não deixar dúvidas sobre a característica paródica na obra). Além disso, outros elementos a serem mencionados incluem os neologismos criados pelo autor a partir de outras línguas (muitas vezes desconhecidas), ou com base no próprio latim e no grego, as comparações e exemplos absurdos usados durante o texto (como dois gramáticos, Galbungo e Terêncio, que teriam passado 14 dias consecutivos argumentando para descobrir o vocativo de *ego*, discussão presente na epístola II.4), as invenções feitas por Marão sobre assuntos diversos (logo na primeira epítome, você encontra afirmações sobre haver conhecimento terreno/divino e de existirem 12 tipos/dialetos de latim) e, por fim, aspectos linguísticos estranhos encontrados na obra – para traduzir o texto, não é aconselhável seguir ao pé da letra as declinações e conjugações utilizadas, pois muitas vezes elas não fazem o menor sentido (como já foi dito).

Traduzir integralmente um texto longo, repleto de neologismos, inovações sintáticas, intenções ocultas e, simplesmente, sem precedentes está fora de questão para esta monografia (o primeiro semestre de trabalho consistiu apenas na tradução do texto, porém mal foi possível chegar ao final do quarto epítome). O contrário pode ser dito sobre um futuro projeto de mestrado. Considerando essas peculiaridades mencionadas, o capítulo 3 terá como objetivo apontar elementos mais especificamente voltados para o processo da tradução, usando exemplos para deixar claros os pontos linguísticos abordados ao final do capítulo anterior, além de mostrar uma tradução encontrada para o italiano (*Epitomi ed Epistoli*, G.Polara, 1979), de forma a demonstrar diferenças significativas a respeito das escolhas

realizadas para a tradução para o português, proposta no capítulo seguinte. Com isso, espera-se justificar o estranhamento e quase agramaticalidade de certas partes da versão proposta, já que fazer uma tradução apenas pelo sentido faria a obra perder muito do seu sentido original. Ou, pelo menos, o sentido apreendido após a sua leitura parcial. Afinal, se os estudiosos anteriores a 1920 levavam Virgílio Maro a sério (como Johannes Huemer ou Émile Ernault), é bem possível que algo ainda não esteja sendo visto com clareza.

No capítulo 4, o texto original é apresentado segundo a edição de G. Polara (a qual também apresenta uma tradução para o italiano). Essa tradução foi usada como base comparativa para trechos mais problemáticos na versão para o português, que está no mesmo capítulo mencionado deste texto, porém foi usada pouquíssimas vezes – dado o idioma no qual ela está, às vezes era mais rápido entender o latim usando a última entrada de um verbete do dicionário do que traduzir duas vezes. Vale mencionar que, aparentemente, não existe tradução integral da obra para o inglês, espanhol ou português, havendo edições disponíveis apenas em italiano (existe uma em francês, porém de preço exorbitante e difícil de encontrar).

Como encerramento deste capítulo, é necessário explicitar que nós não sabemos se a obra de Virgílio Marão é realmente uma paródia ou não, e também, não temos uma ideia clara sobre como ela era percebida por um leitor medieval. Ainda assim, tentaremos analisar e traduzir os quatro primeiros epítomes por um viés paródico, o que espera-se ficar óbvio desde a primeira página da tradução.

2. PARÓDIA

2.1. Donato x Virgílio Marão

Caso a ordem na qual os epítomes e as epístolas são apresentados nas edições de G. Polara e J. Huemer realmente represente a organização original dos assuntos abordados na obra de Virgílio Marão Gramático, então fica clara uma evidência de intertexto ou de paródia (no mínimo parcial, dada a "falta de assuntos" de uma em relação à outra, como se vê na comparação abaixo) das *Ars Maior* e *Ars Minor* de Donato (c. 350 d.C.). Segundo Vivien Law (1995, p. 5), é possível fazer os seguintes paralelos entre as obras de Donato e Virgílio:

Ars maior	*Epitomae*
De voce	De sapientia
De littera	De littera
De syllaba	De syllabis
De pedibus	De metrorum conpossitione
De tonis	-
De posituris	-
De partibus orationis -	
De nomine	De nomine
De pronomine	De pronomine
De verbo	De verbi qualitate
-	De accidentibus verbi sex aliis
De adverbio	De reliquis partibus orationis
De participio	-
De coniunctione	-
De praepositione	-
De interiectione	-
De barbarismo	De scinderatione fonorum
De soloecismo	De cognationibus etymologiae aliorum nominum
De ceteris vitiis	[Três epítomes foram perdidos.]
De metaplasmo	De catalogum grammaticorum

Ars minor	*Epistolae*
De partibus orationis	Praefatio
De nomine	De nomine
De pronomine	De pronomine
De verbo	De verbo
De adverbio	De adverbio
De participio	De participio
De coniunctione	De coniunctione
De praepositione	De praepositione
De interiectione	De interiectione

Como a tradução presente no capítulo 4 desta monografia apresenta apenas os quatro primeiros epítomes, a comparação entre as obras acaba ficando limitada

na explicitação realizada pelo ato tradutório, porém pode ser suficiente para se ver algumas similaridades dentro do texto, não exclusivamente em relação aos títulos. O paralelo a seguir usa como referência os capítulos “De littera”, “De syllaba” e “De pedibus” da *Ars maior* de Donato, na edição de L. Holtz (*Donati Ars Maior*, 1981).

Em uma análise mais superficial, levando em conta apenas a estrutura, o segundo e o terceiro epítome de Virgílio têm tamanhos similares aos capítulos de Donato, embora ligeiramente maiores. O quarto, porém, é muito maior, mostrando a verborragia inata de Marão: enquanto “De pedibus” de Donato possui pouco mais de 3 mil caracteres, “De metrorum conpossitione” apresenta quase 16 mil. Em “De littera” de Donato, ele indica qualidades sonoras de consoantes e de vogais, listando-as enquanto indica a quantidade existente em cada categoria. Já em Virgílio, o epítome de mesmo assunto apresenta algumas características diferentes: embora também haja uma descrição de sons no texto, as explicações variam entre certas e erradas, sendo estas as expostas como corretas. Além disso, o final do epítome também faz uma lista de letras indicando quantidades, entretanto, ao invés de falar algo como “quatro é o número de consoantes líquidas: L, M, N e R”, Virgílio escreve mudando totalmente o sentido, como em “as consoantes líquidas L, M, N e R têm o valor numérico ‘quatro’”. Confira abaixo um exemplo tirado diretamente de Donato e dois de Virgílio (como a estrutura é um pouco diferente e o autor coloca os “valores numéricos” no final, foi necessário pegar duas citações para ter algo equivalente a apenas um exemplo de Donato):

Em Donato:

> sunt autem numero quinque a e i o u. harum duae, i et u, transeunt in consonantium potestatem, cum aut ipsae inter se geminantur aut cum aliis uocalibus iunguntur, ut *Iuno*, *uates*.

Tradução:

> Por outro lado, em número são cinco [as vogais]: A, E, I, O e U. Dessas, duas entram em poder das consoantes, I e U, ou quando elas mesmas se duplicam, ou quando são unidas com outras vogais, tal como em *Iuno* [Juno], *uates* [wates].

Em Virgílio:

> *U* autem aliquoties liquiscit, cum ab alia diciosiore proscribatur, ut *uatis uerax uinum uox*, vel a semet ipsa, ut *uultus*.

> *m r s u l* mile significant; *t* et *x* decim et decim milia; *g* omni numero usque ad decim subiecta est.

Tradução:

> U, porém, algumas vezes se liquefaz, quando é pós-scrita por outra mais dizente, como em *uatis uerax uinum uox*, ou por outra de si mesma, como em *uultus*.
>
> M R S U L significam mil; T e X são dez e dez mil; G para todo número que esteja abaixo de dez.

Em relação às sílabas, Donato explica sucintamente que elas podem ser longas, breves ou comuns, quando e quais as vogais são consideradas ditongos, bem como menciona semivogais. Ao mencionar exemplos, estes são frases ou simplesmente o elemento em questão, isto é, falando de ditongos, o autor apenas os lista, sem necessariamente exemplificar. No caso de Marão, há uma rica gama de exemplos, e as explicações são um pouco mais detalhadas, porém eles constituem palavras pouquíssimo usadas na tradição literária, ou fazem parte de vocabulário técnico. Por causa disso, a primeira impressão ao ler o epítome é que os exemplos foram inventados. Afinal, quem pensaria que o significado de *scrobs* é "cova" sem ter entrado em contato com a palavra em outra ocasião? Comum ela não é, nem parece com outras palavras mais utilizadas[4]. Veja mais exemplos abaixo:

Em Donato:

> syllaba est conprehensio litterarum uel unius uocalis enuntiatio temporum capax. syllabarum aliae sunt breues, aliae longae, aliae communes. breues sunt, quae et correptam uocalem habent et non desinunt in duas consonantes aut in unam duplicem aut in aliquid, quod sit pro duabus consonantibus. longae aut natura sunt aut positione fiunt. natura, cum aut uocalis producitur, ut a o, aut duae uocales iunguntur et dipthongon faciunt, ut ae oe au eu ei.

Tradução:

> sílaba é um agrupamento de letras ou a enunciação de tempos de uma vogal sozinha. Das sílabas, algumas são breves, outras são longas e outras são comuns. Breves são aquelas que têm vogal abreviada e não terminam em duas consoantes ou em uma dupla, ou qualquer outra coisa que valha por duas consoantes. Longas ou são assim por natureza ou posição. Por natureza, quando se trata de uma vogal como A e O, ou são unidas duas vogais e fazem um ditongo, como AE, OE, AU, EU e EI.

[4] Este seria outro argumento para favorecer a interpretação paródica da obra. Afinal, um costume das gramáticas seria sempre usar as mesmas palavras para explicar casos e categorias similares, as quais geralmente são aquelas que exigem o menor esforço para se lembrar; por exemplo: no português, exemplos de verbos da primeira conjugação dificilmente fogem de "cantar" ou "amar".

Em Virgílio:

> Syllabae sunt glutini litterarum, quibus vernale est quod nulla earum absque vocalibus litteris stare queat, unde et reginae dicuntur litterarum. Syllabae monades senas litteras transcendere non debent, ut *scrobs*, nec duas habere vocales, excepto cum diptongus aut aliquidatio significetur, ut *aes faus laus fraus*; dissylabae autem, cum in nomine aut verbo aut quavis arte forint, duas tantum vocales habebunt, exceptis quae supra diximus.

Tradução:

> As sílabas são a aglutinação das letras, as quais são subservientes porque nenhuma delas é capaz de se manter sem as letras vogais, donde são ditas as rainhas das letras. As unidades silábicas não devem ultrapassar seis letras, como em *scrobs* (cova), nem devem ter duas vogais, exceto quando significarem um ditongo ou uma aliquidação, como em *aes* (bronze), *faus* , *laus* (louvor), *fraus* (fraude); os dissílabos, por sua vez, terão duas vogais quando estiverem em nome, ou em verbo, ou em qualquer outra arte, exceto naquelas que mencionamos acima.

Finalmente, a comparação mais marcante: o quarto epítome. Como esperado, o texto de Donato constitui exclusivamente uma listagem sistemática de todos os tipos de pés e tipos de metrificação possíveis no latim, segundo ele, indicando seu nome, número de sílabas e dando um exemplo de palavra que se encaixa na descrição. Por sua vez, Virgílio começa algo inesperado, o que acaba se estendendo no restante dos epítomes: enquanto os três primeiros possuem cerca de três páginas cada um, boa parte dos demais (exceto os epítomes XIII e XIV, pois são fragmentários[5]) apresenta uma média de quinze páginas, na edição de G. Polara. Nesse epítome, versos inteiros são mencionados e escandidos e todos os termos usados para se referir a determinados pés são explicados.

Em Donato:

> pes est syllabarum et temporum certa dinumeratio. accidunt uni cuique pedi arsis et thesis, numerus syllabarum, tempus, resolutio, figura, metrum. pedes disyllabi sunt quattuor, trisyllabi octo, duplices sedecim. ergo disyllabi quattuor hi sunt: pyrrichius ex duabus breuibus temporum duum, ut fuga; huic contrarius est spondeus ex duabus longis temporum quattuor, ut aestas. iambus ex breui et longa temporum trium, ut parens; huic contrarius est trochaeus ex longa |et breui temporum trium, ut meta.

Tradução:

[5] A edição de G. Polara não exibe os trechos disponíveis dos epítomes, ignorando-os completamente. Na edição de J. Huemer isso não acontece: os trechos existentes são mostrados e, caso não haja nada a respeito do epítome, conta-se pelo menos com um parágrafo explicativo a respeito da questão.

> O pé é uma enumeração fixa de sílabas e tempos. Em cada pé comparecem ársis e tésis, o número das sílabas, o tempo, a cesura, a letra, o metro. Os pés dissílabos são quatro; trissílabos, oito, os dúplices, dezesseis. Portanto, os quatro dissílabos são estes: pírrico, com dois tempos em duas breves, como *fuga*; deste, o contrário é o espondeu, com quatro tempos em duas longas, como *aestas*. Jâmbico, com três tempos em uma breve e uma longa, como *parens*; do último, o oposto é o troqueu, com três tempos em uma longa e uma breve, como *meta*.

Em Virgílio:

> Multas autem metrorum cantilenas propter poetarum rehtorumque voluntatem eorum sectae declarant: quaedam enim prosa, quaedam liniata, quaedam etiam mederia, nonnullaque perextensa ponuntur; quorum pauca pro vestra utilitade expossituri sumus. Prosa quidem sunt perbrevia, sicut in Aenea lectum est:
>
> *Phoebus surgit, caelum scandit.*
> *polo claret, cunctis paret.*

Tradução:

> Assim, graças à vontade dos poetas e retores, as suas seitas apresentam muitas cantilenas de metros: pois algumas são prosas, algumas lineadas, algumas medieiras, e algumas superextensas; delas, exporemos algumas para vosso uso. Com efeito, as prosas são superbreves, assim como se lê em Enéias:
>
> Febo nasce, escala nuvens,
> brilha ao polo para o povo.

Porém, há um grande problema aqui: os versos usados não estão conforme o explicado, nem de acordo com nenhum tipo de metrificação usada no latim clássico[6]. Como se isso já não fosse suficiente, as citações de autoridades no epítome são falsas: ou elas nunca disseram aquilo, ou são no máximo autores desconhecidos a quem são atribuídos versos famosos (como explicado mais adiante, em outro tópico). Para explicar essa situação estranha, podemos recorrer ao livro *Contributions Toward a History of Arabico-Gothic Culture* (1917), de Leo Wiener: segundo ele, Virgílio teria conhecimentos acerca da cultura árabe, usando-a como referência na criação das palavras usadas para descrever a versificação proposta na obra, a qual ele tenta camuflar usando alguns termos da tradição greco-latina de construção de versos. Wiener (1917, v. 1, p. 15) afirma que Marão poderia ter conhecimento de um tratado de versificação do árabe escrito por Khalil ben-Ahmed (que teria vivido entre 718 e 791, ajudando a piorar o problema a respeito da

[6] No latim medieval, no entanto, existia um verso de oito sílabas que resultou nas redondilhas maiores do português.

datação, ou simplesmente anulando a própria teoria de Wiener: caso a datação suportada por Law, Polara e tantos outros estiver correta, não haveria como Virgílio ter se baseado no tratado mencionado – no entanto, não é algo passível de dedução tão facilmente, então podemos ficar com a primeira hipótese, isto é, o problema da datação apenas piora com esse dado), pois usa em seu texto três termos baseados nas classes descritas no tratado – dois deles teriam sido traduzidos como "longo" e "estendido", enquanto o terceiro teria sido apenas transliterado diretamente do árabe para o latim, *mederia* (de "mudāri", que seria "o similar"). Desse modo, pode ser que algumas dessas citações provenham da cultura literária árabe; mas ainda permanecemos na dúvida, pois outros autores, como Herren (*Proceedings of the Royal Irish Academy. Section C: Archaeology, Celtic Studies, History, Linguistics, Literature*,1979), defendem que Virgílio tenha recebido sua formação apenas na Irlanda, e assim explicam todas as "distorções" do seu latim. Neste último caso, poderíamos estar diante de alguma tradição literária irlandesa que se perdeu; mas tudo isso apenas se quisermos deixar de lado as hipóteses, bastante convicentes por sinal, de que se trata de versos inventados pelo próprio Virgílio Marão.

2.2. Retóricos de Toulouse, uma paródia por si só

Maximilien Kawczynski, em *L'origine et L'histoire des Rythmes* (1889), menciona o autor-foco desta monografia como "Virgílio de Toulouse", algo que também se vê por Émile Ernault, em *De Virgilio Marone, Grammatico Tolosano* (1886). Kawczynski (1889, p. 154-60) explica brevemente que na cidade de Toulouse, ao sul da França, haveria uma espécie de escola de retóricos, a qual teria sido uma das primeiras a fazer seus alunos adotarem nomes de escritores famosos, como Catão, Cícero, Horácio, Lucano, Terêncio e Varrão; de modo que seguindo essa lógica, não seria estranho que Enéias e Donato fossem apenas colegas de nosso Virgílio. Apesar de apontar essa característica e de categoricamente classificar a obra de Marão como uma "fraude"[7], ainda assim o autor usa o quarto

[7] Segundo Kawczynski, Virgílio seria apenas um ignorante e por isso explicaria seus versos de uma maneira e os construiria de outra. Porém, essa suposição não faz sentido: sendo ignorante, Marão não teria como pensar nessas e em outras criações que ele faz ao longo de sua obra por falta de conhecimentos para tanto. Então, provavelmente a conclusão possível é justamente a oposta, isto é, estamos lidando com um autor altamente erudito.

epítome como referência quando está explicando diferentes sistemas de versificação.

Na mesma linha de Wiener (1917), Kawczynski (1889) indica influência árabe nos versos usados como exemplos no epítome sobre composição de versos. Porém, o autor é mais específico em relação ao que está acontecendo neles: embora não sigam as explicações de Virgílio, os versos poderiam ser classificados como "troparia bizantina[8]", pois mesmo não havendo pés claramente definidos, os acentos dos versos apresentariam certo ritmo, o qual utilizaria a tônica das palavras para criar uma harmonia de padrão que vai se repetindo.

Essas informações ajudariam a dar uma certeza duvidosa sobre Virgílio ser realmente de Toulouse. Considerando a localização da cidade e a sua história, faz sentido nosso autor ter recebido influências árabes, já que houve invasões desse povo na região. Por outro lado, quando Wiener sugere que a criação de algumas palavras teria base anglo-saxã, ou até mesmo gótica, a localização e história de Toulouse ajudam a embasar esses pensamentos.

Apesar disso, o que é realmente estranho nos dados acima é o fato de Kawczynski levar em conta seriamente o que Marão tem a dizer, considerando que ele mesmo menciona a história sobre a escola de retóricos de Toulouse ser praticamente uma paródia por si só. Basicamente, depois de usar o autor duas vezes como exemplo sério (muito embora a primeira ocorrência apenas o cite como "exemplo do que é errado"), só depois ele menciona uma informação importante para a interpretação dos dados (o autor supostamente teria pertencido a um lugar que provavelmente goza de pouco prestígio no que diz respeito à seriedade). Algo que compensa a incoerência de Kawczynski é a sua indagação a respeito do estilo de Virgílio: como ele pertenceria àquela escola, o seu estilo prolixo e obscuro seria uma maneira de tornar o conhecimento acessível exclusivamente aos "iniciados" – opinião também proferida por Law (1995). Então, não estaríamos longe da verdade ao afirmar que o exercício de tornar o texto mais complexo não passaria de uma forma de paródia.

[8] Uma espécie de hino utilizado em ritos religiosos.

Mas como esse gênero era tratado na época de Virgílio? De acordo com a passagem em que Paul Lehmann cita o autor (a qual é resumida por Bakhtin (1998)), em *Die Parodie im Mittelalter* (1922, p. 21-2), boa parte da paródia na Idade Média tinha cunho religioso, porém não se limitava apenas a isso, sendo possível encontrá-la em tavernas, palcos e nas salas de aula. Nessa perspectiva, poderíamos enquadrar essa possível escola de retóricos de Toulouse. Além disso, ainda de acordo com Lehmann, Virgílio teria parodiado o gênero "gramática escolar". Levando isso em conta, faria sentido ele ter escolhido a *Ars grammatica* de Donato, já que ela parece ter uma excelente reputação[9] e ser vastamente utilizada devido ao fato de ser bastante sucinta e direta.

2.3. Comparativo com outras gramáticas medievais, por Mererich

Em seu livro *The Partes Orationis* (1912), Clement Orestes Mererich faz uma aproximação diferente daquela realizada neste trabalho, procurando mostrar quais características da obra de Virgílio Marão (mais especificamente as epístolas) as enquadrariam no gênero "gramática". Para isso, ele faz um capítulo para cada uma das oito partes do discurso, os quais apresentam quase a mesma ordem de organização vista nas epístolas do suposto escritor de Toulouse e, também, comparam a abordagem feita por Virgílio com a de outros gramáticos da época, mostrando similaridades e diferenças.

Pouco antes de começar a discorrer sobre as categorias gramaticais, Mererich comenta acerca das *partes orationis* ("partes do discurso"), dizendo que Marão propõe o uso do termo "latinitatis" ao invés de "orationis", resultando em "partes da latinidade". O segundo termo teria sido usado primeiramente por Varrão, sendo repetido com o mesmo sentido por outros gramáticos, como Escauro, Dositeu, Carísio, Pompeio, Victorino e Prisciano. Virgílio foi o único a usar o termo "latinitas", muito embora "oratio", segundo o gramático, fosse específico demais para o uso do latim por oradores, enquanto a palavra sugerida por ele seria mais abrangente, englobando toda a língua. Nessa parte, Mererich menciona passagens em que Virgílio defende a razão de as partes do discurso serem oito, não sete (como sugeriu Prisciano), nem cinco (proposto pelos estoicos). Inclusive, para fortalecer

[9] Daí vem o epíteto "clarissimus" atribuído ao gramático, uma vez que ele era muito conhecido pela sua obra.

seu argumento, Marão cita seu mestre Enéias[10], usando um trecho que, na verdade, poderia ser atribuído a Pompeio devido ao conteúdo.

Nas epístolas, Virgílio não define o que seria *nomen* (substantivo), embora uma delas seja designada especialmente para isso. No entanto, os atributos que fazem parte desse termo são descritos. Então, segundo Mererich (1912, p. 17), a definição do autor sobre substantivos poderia ser algo parecido com: "*nomen* is a part of speech, having *qualitas*, *comparatio*, *genus*, *numerus*, *figura*, *casus*". Ao tratar sobre *qualitas*, diferente dos gramáticos anteriores, que teriam sido bastante claros a respeito de suas partes, Marão aparentemente descreveu o termo de forma difícil e obscura, pegando a etimologia da palavra grega usada no termo técnico para ponderar sobre outro significado.

Ao discorrer sobre os verbos, o tratamento feito inicialmente concorda com as abordagens de outros gramáticos. Porém, algo exclusivo de Virgílio é atribuir 12 partes do discurso ao *verbum*: *status* (o que tornaria o verbo superior às demais categorias gramaticais)*, formatio* (corresponde a *qualitas* nos epítomes, subdividido em *formae* e *modi*)*, ordinatio* (equivale a *coniugatio*)*, moderatio* (idem a *formatio*)*, subfiguratio* (substitui *figura composita*)*, adnumeratio* (não tem similar)*, inmotatio* (método de obter diferentes ênfases ou indicar um significado específico)*, indagatio* (agrupamento de verbos em conjugações conforme as vogais *a*, *e*, *i*, e sua organização conforme o tempo)*, affirmatio* (uso de dois sinônimos para indicar ênfase)*, inchogatio* (referência a verbos incoativos, corresponde a uma das *formae*, nas divisões da *qualitas*)*, praelatio* (correspondendo a *ordo*, é aplicada somente aos *modi*, sendo referida por outros gramáticos como *accidens*)*, declinatio* (flexão do verbo).

Nesta subdivisão do capítulo 2 foi mostrado apenas aquilo que mais se destaca nas epístolas em relação a outras gramáticas. Logo, o fato de as categorias gramaticais particípio, advérbio, preposição, conjunção e interjeição não terem sido mencionadas acima, indica que o tratamento dado para elas por Marão foi

[10] A abordagem de Mererich é fazer um paralelo entre Virgílio e outros gramáticos medievais, de modo a não fazer valoração de verdade ou falsidade em seu conteúdo: ele apenas indica o que é abordado de maneira igual ou diferente.

praticamente “tradicional”, combinando com as explicações que outras gramáticas latinas medievais deram sobre elas[11].

2.4. Neologismos, comparações absurdas, invencionice, autoridades / citações falsas

O índice de Polara (1979, p. 369), onde encontramos todas as palavras incomuns usadas por Virgílio, mostra informações bastante interessantes e relevantes para entender questões pontuais na sua obra. Com ele, em vários momentos da tradução dos primeiros epítomes, foi possível tirar dúvidas em relação às palavras estranhas encontradas no texto em latim, pois muitas delas são neologismos, transliterações e/ou criações, em certa medida, usando como base outros idiomas. Sobre o último ponto, Wiener (1917, p. 41) é bastante esclarecedor em alguns aspectos: nele, o autor menciona palavras do hebraico, do árabe e também do gótico a partir das quais Marão teria se baseado para as suas criações linguísticas. Para ele, o epítome XV mostra várias evidências de que o gramático teria tido alguma espécie de contato com a lógica e a filosofia árabe (assim como com a própria língua, por consequência), pois novamente Virgílio menciona os 12 tipos de latim, porém de maneira completamente distinta daquela explicada no primeiro epítome, sobre a sabedoria. Como meio de deixar clara a explicação, Wiener (1917, p. 42-46) traduz parte do último dos epítomes inteiros, o de número XV (ou XII, conforme a edição), conhecido como o catálogo dos gramáticos. Abaixo segue o trecho mencionado em latim (ele não está incluso no capítulo 4, onde estão as traduções inicialmente programadas para esta monografia) e a minha tradução dele, com base na edição de Polara (1979):

Latim:

> Nam Virgilius Assianus praedicti discens fuit, vir admodum ministratorius sanctis viris ut numquam in sede eum vocantis sermo inveniret; hunc vidi meis oculis, et puerulo mihi notas caraxavit; hic scribsit librum nobilem de duodecim Latinitatibus, quas his nominibus vocavit: *prima* inquid *est ussitata, quae in ussu Romanae eloquentiae habetur. II Assena, hoc est notaria, quae una tantum littera pro toto fono contenta est, et haec quibusdam formulis picta. III Semedia, hoc est nec tota inussitata nec tota*

[11] Diferente da abordagem feita sobre substantivos e verbos por Mererich, que possui subdivisões e várias citações (somando dezenas de páginas apenas para isso), o tratamento dado para as demais categorias, comparativamente, parece muito estranho, já que algumas chegam a apresentar apenas meia página de descrição, por exemplo.

ussitata, ut est 'monta glosa', quod est mons altus, et 'gilmola' pro gula. IV Numeria, quae proprios numeros habet, ut 'nim', hoc est I, 'dun' II, 'tor' III, 'quir' IV, 'quan' V, 'ses' VI, 'sen' VII, 'onx' VIII, 'amin' IX, 'ple' X, quod dictum de plenitudine est; et sic 'nimple' XI, usque ad 'plasin' XX, et 'torlasin' XXX, et 'quirlasin' XL, usque ad 'bectan' C, et pervenit usque ad 'colephin' M et reliqua. V Metrofia, hoc est intellectualis, ut 'dicantabat', id est principium; 'sade', id est iustitia; 'gcno', hoc est utilitas; 'bora', hoc est fortitudo; 'teer' hoc est dualitas coniugalis; 'rfoph', hoc est veneratio; 'brops', hoc est pietas; 'rihph', hoc est hilaritas; 'gal', hoc est regnum; 'fkal', hoc est religio; 'clitps', hoc est nobilitas; 'mrmos', hoc est dignitas; 'fann', hoc est recognitio; 'ulioa', hoc est honor; 'gabpal', hoc est obsequium; 'blaqth', hoc est lux solis; 'merc', hoc est pluvia; 'pal', hoc est dies et nox; 'gatrb', hoc est pax; 'biun', hoc est aqua et ignis; 'spadx', <hoc est> longevitas; ex his rebus mundus totus gubernantur et prosperatur. VI Lumbrosa, hoc est perlonga, cum pro uno <fono> ussitato totus versus scribitur, cuius exempla sunt haec, ut 'gabitariuum bresin galsiste ion', hoc est legere; item 'nebesium almigero pater panniba', hoc est vita. VII Sincolla, hoc <est> perbrevis, versa vice cum totus versus ussitatus in uno continetur fono, cuius exempla sunt ista, ut 'gears', hoc <est> mores collegite, bona diligite; item 'biro', hoc est linquere parentes utile non est. VIII Belsavia, hoc est perversa, cum cassus nominum modosque verborum transmotat, cuius exempla sunt haec, ut 'lex', hoc est legibus, et 'legibus', hoc est lex; et 'rogo', hoc est rogate, et 'rogant', hoc est rogo. IX Presina, hoc est spatiosa, cum unum fonum multa ussitata significat, ut 'sur', hoc est vel campus vel spado vel gladius vel amnis. X Militana, hoc est multimoda, cum pro uno fono ussitato multa ponuntur, ut pro cursu 'gammon', 'saulin', 'selon', 'rabath'. XI Spela, hoc est humillima, quae semper res terrenas loquitur, ut 'sobon', hoc est lepus; 'gabul', hoc est vulpis; 'gariga', hoc est grus; 'lena', hoc est gallina; hac Ursinus utebatur. XII Polema, hoc est superna, quae de superioribus tractat, ut 'affla' pro anima, 'spiridon' pro spiritu, 'repota' pro virtutibus quibusdam supernis, 'sanamiana anus' pro quadam unitate dei alti; hoc semper genere Virgilius loquebatur. Haec Virgilius Assianus.

Tradução:

Já que Virgílio Asiático foi aluno desse mencionado acima [Virgílio de Troia, aluno de Donato] e um homem servindo a homens assaz santos, de forma que nunca o discurso de quem os chamava chegou aos seus assentos; eu o vi com meus próprios olhos, e caractou a mim as letras quando eu era menininho; ele escreveu um nobre livro sobre as doze latinidades, as quais ele chamava por estes nomes: "a primeira", disse, "é a *ussitata*, a qual é encontrada no uso da fala Romana. II *Assena*, que é estenógrafa, a qual se contenta apenas com uma letra para a palavra inteira, e que é representada por uma certa fórmula. III *Semedia*, que não é nem inusitada, nem inteiramente usitada, como é *monta glosa*, a qual é uma montanha alta, e *gilmola* para garganta. IV *Numeria*, por ter os próprios números, como *nim*, que é um, *dun* dois, *tor* três, *quir* quatro, *quan* cinco, *ses* seis, *sen* sete, *onx* oito, *amin* nove, *ple* dez, que é dito sobre a plenitude; e, em seguida, *nimple* onze, até a *plasin* vinte, e *torlasin* trinta, e *quirlasin* quarenta, até a *bectan* para cem, chegando até *colephin* para mil, e o resto. V *Metrofia*, que é intelectual, como: *dicantabat*, isto é, o princípio; *sade*, isto é, justiça; *gcno*, que é utilidade; *bora*, que é coragem; *teer*, que é a dualidade conjugal; *rfoph*, que é a veneração; *brops*, que é a fidelidade; *rihph,* que é a alegria; *gal*, que é o reino; *fkal*, que é a religião; *clipts*, que é a nobreza; *mrmos*, que é a dignidade; *fann*, que é o reconhecimento; *ulioa*, que é a honra; *gabpal*, que é a servidão; *blaqth*, que é a luz do sol; *merc*, que é a chuva; *pal*, que é o dia e a noite; *gatrb*, que é a paz; *biun*, que é a água e o fogo; *spadx*, [que é] longevidade; a partir das quais o mundo é governado e prospera. VI

> *Lumbrosa*, que é muito longa, como ser escrito todo o verso por um [som] usitado, cujos exemplos são estes, como *gabitariuum bresin galsiste ion*, que é ler; e também *nebesium almigero pater panniba*, que é vida. VII *Sincolla*, que [é] muito breve, vice-versa com todo verso usitado que é contido em um som, cujos exemplos são estes, como *gears*, que [são] os costumes acadêmicos, ame os bons; e também *biro*, que é não ser útil abandonar os pais. VIII *Belsavia*, que é perversa, quando transporta o caso e o modo dos nomes dos verbos, cujos exemplos são estes, como *lex* (lei), que é com as leis (*legibus*), e *legibus*, que é *lex*; e *rogo*, que é roguem, e *rogant*, que é rogar. IX *Presina*, que é espaçosa, quando um som significa muitos significados usados, como *sur*, que é ou campo, ou eunuco, ou espada, ou rio. X *Militana*, que é multifário, quando para uma palavra usitada várias são colocadas, como seria corrente *gammon*, *saulin*, *selon*, *rabath*. XI *Spela*, que é humilde, pois sempre fala das coisas terrenas, como *sobon*, que é lebre; *gabul*, que é raposa; *gariga*, que é garça; *lena*, que é galinha; Ursino usava isso. XII *Polema*, que é suprema, pois trata sobre as coisas superiores, como *affla* para alma, *spiridon* para espírito, *repota* para certas virtudes supremas, *sanamiana anus* para a unidade do alto deus; Virgílio sempre falava desse jeito. Aquele Virgílio Asiático.

Ao considerar que Virgílio poderia ter morado ao sul da França, o autor pressupõe que ele teria sido também visigodo, algo possivelmente reforçado por uma palavra talvez derivada do idioma gótico localizada no epítome VII, a qual estaria na seguinte frase: *in quadam epistola ad me* zandu *misa*. Aparentemente, *zandu* é totalmente incompreensível e supérfluo na sentença, mas poderia ser derivada de *sandjan*, do gótico “enviar”, que resultaria na repetição ou ênfase em *misa*, de mesmo sentido. Adiante, nessa análise, são mostradas de onde viria boa parte das palavras árabes identificáveis (muitas não seriam legíveis nos manuscritos, impossibilitando uma interpretação adequada). Por exemplo: *Assena* viria do árabe *simat* (em grego, $\sigma\eta\mu\alpha$), significando “sinal, marcação”, uma referência às notas tironianas e outras formas de abreviar ou substituir palavras. Reproduzir as demais explicações dadas em Wiener (1917) acerca desse trecho seria praticamente redundante, já que quase todas as palavras em itálico na citação acima vêm do árabe – além disso, também faltaria precisão na reprodução, uma vez que todas elas aparecem transcritas nos caracteres do idioma.

Comparemos agora o trecho acima com a parte do epítome I que fala sobre os 12 tipos de latim (tradução própria com marcações para indicar as palavras em latim referentes aos neologismos usados):

> Existem doze tipos de latim. Dentre eles há um de uso comum, e nele os latinos pintam todas as escrituras. A fim de que tenhas exemplo dos doze tipos, é necessário que os demonstre usando apenas uma palavra. Na latinidade mais usual, tem-se fogo [*ignis*] I. Porque sua natureza essencial é foguear tudo. II. Cozecidade [*quoquihabin*], que assim é declinado: genitivo

> ‘da cozecidade’, dativo ‘para a cozecidade’, acusativo ‘a cozecidade’ dubiamente colocado acima, vocativo breve ‘ó cozecidade’, ablativo ‘a cozecidade’. No plural produziria ‘cozecidades’, genitivo ‘das cozecidades’, dativo ‘para cozecidades’, acusativo ‘as cozecidades’, vocativo ‘ó cozecidades’, ablativo ‘cozecidades’. Dizemos ‘cozecidade’, uma vez que possui a capacidade de cozer o não cozido. III. É chamado ‘árdon’ [*ardon*], pois arde. IV. ‘cálax’ [*calax*], a partir do calor. V. ‘espirido’ [*spiridon*], a partir de explosão. VI. ‘rúsis’ [*rusin*], pela cor rubra. VII. ‘crépiton’ [*fragon*], do crepitar das chamas. VIII. ‘fômon’ [*fumaton*], a partir da fumaça. IX. ‘ústrax’ [*ustrax*], do ustro. X. ‘vido’ [*vitius*], porque traz de volta a vida aos membros moles. XI. ‘silúleo’ [*siluleus*], porque da sílex sileluca; logo, nada deve ser nomeado “sílex”, a não ser que sileluque silelucas. XII. ‘êneon’ [*aeneon*], do deus Enéias, que nele habita; ou por quem o sopro é carregado para os elementos. Assim esta totalidade de tipos é suputada por quase todos os oráculos latinos.

Ao fazermos um paralelo, temos o seguinte:

Ignis	Usitata
Quoquihabin	Assena
Ardon	Semedia
Calax	Numerosa
Spiridon	Metrofia
Rusin	Lumbrosa
Fragon	Sincolla
Fumaton	Belsauia
Ustrax	Presina
Vitius	Militana
Siluleus	Spela
Aeneon	Polema

Enquanto o epítome I dá a entender que os 12 tipos de latim seriam algo como dialetos, as explicações realizadas no epítome XV não fazem sentido quando comparadas aos exemplos anteriores – exceto pelo primeiro par e pelo último, pois seria o dado referente ao uso comum. Por um lado, isso pode reforçar a teoria da paródia humorística: em vez de dar o esperado, uma explicação coincidente com a primeira abordagem das 12 latinidades, algo sem sentido é colocado, de forma a gerar o estranhamento e, dependendo do leitor, talvez até mesmo o riso. Por outro lado, tamanha incoerência também dá margem para as antigas suposições que colocavam Marão como um completo ignorante, ou então, poderia apontar para uma terceira alternativa: a obra não teria apenas um autor, o que explicaria incoerências

como a apontada acima (lembremos-nos da escola suposta de retóricos de Toulouse)[12].

Ainda sobre o índice de Polara (1979), vale mencionar que nele também é possível encontrar uma lista com todas as "autoridades" citadas nos epítomes e nas epístolas (mais de 80), bem como outra listagem com todas as palavras que Marão usaria como exemplo para suas explicações. Aqui, listo aqueles com o maior número de ocorrências: Enéias, Catão, Cícero, Cornélio Regino, Don, Donato, Donato o Velho, Estrio Hispano, Galbungo, Glengo, Horácio, Lucano, Régulo Capadócio, Terêncio, Varrão, Virgílio Asiático, o próprio Virgílio Marão, e Virgílio Troiano. A seguir, gostaria de exemplificar e explicar um pouco do uso das citações falseadas, enquanto cito mais passagens de nota na obra de Marão.

De acordo com Mererich (1912, p. 20), Virgílio cita Cícero, na epístola *Nomen*, ao contrariar uma convenção gramatical, tentando explicá-la de outra forma. A citação seria feita em um momento do argumento no qual era necessário buscar um significado etimológico para o termo *proprius*. Contudo, considerando a teoria da escola de Toulouse, provavelmente o Cícero citado não passava de um colega de classe, ou algo do gênero. Resumindo o resumo de Mererich, o que Marão tenta dizer é o seguinte: a divisão tradicional bipartida da *qualitas* do *nomen* em *propria* e *appellativa* deveria ser rejeitada, pois "próprio" em seu sentido normal não poderia ser aplicado a nenhum tipo de nome. Nenhuma palavra no latim poderia ser única, todas seriam interdependentes. O verdadeiro significado de *proprius* estaria escondido dos olhos de pessoas normais, sendo mais profundo (significando *primus, primarius*). Nesse sentido, nomes próprios seriam aplicados apenas a grandes pessoas, enquanto nomes comuns ficariam para gente de pertencente às massas do povo.

Ainda nessa discussão, Marão repete o uso da etimologia ao falar de mais qualidades dos nomes, agora passando para os abstratos e os concretos. Nesse ponto, existiria uma referência direta a Donato, pois os termos utilizados para

[12] Como o título deste capítulo sugere, a teoria defendida nesta monografia é que Virgílio fez uma paródia de gramática. Porém, dada a obscuridade que cerca o autor, faz-se necessário elencar todas as possibilidades de interpretação – de forma que, comparativamente, a paródia seja a mais aceitável.

designar as qualidades dos substantivos seriam *res* e *corpus*, enquanto o mais comum seria usar *corporalia* e *incorporalia*. Porém, em vez de pegar o significado comum de *res* (“coisa”), Virgílio busca no hebraico a palavra *resh* (“cabeça”), fazendo um chiste a partir de Donato – afinal, a divisão passa de “coisa/material” para “cabeça/corpo”.

Na mesma epístola, ainda de acordo com Mererich (1912), Virgílio afirmaria a existência de quatro gêneros: masculino, feminino, neutro e comum. O último seria considerado duplo por alguns gramáticos, segundo o autor, o que geraria, na verdade, cinco gêneros. Sem usar de muita lógica e sendo totalmente incoerente, Marão diria que algumas palavras seriam ao mesmo tempo masculinas e femininas (*sacerdos, dies, finis, renis, lacus*), masculinas e neutras (*fulgor, murmor, frigus, buxus*), femininas e neutras (*tellus, holus*), e nomes de animais não teriam nenhum gênero até ser confirmado o seu sexo.

Em relação aos números de casos, Virgílio diria que eles são seis, explicando que seis seriam os tipos de ações feitas pelo homem: acusativo significaria “ativo” (pois “acusar” significaria “agir”). Entretanto, ao definir o ablativo, ele faria uma distinção de seu uso instrumental, entre outras formas de usar o caso junto a uma preposição, designando-as como pertencendo a um sétimo caso (mais adiante, ele menciona um oitavo)[13].

Um exemplo mais diretamente acessível deste tópico se encontra integralmente no capítulo 4 desta monografia, referente às traduções dos epítomes; no trecho, mais especificamente, refiro-me ao quarto deles. Nele, há a citação de distintos versos, atribuídos a Enéias, Varrão, Catão, Lobo Cristão, Don, Gergeso, Sagílio Germano, Felix Alexandre, Lápido e Honorado. Como deve ser óbvio, boa parte desses autores provavelmente não existe, ou nada deles chegou até nós. Porém, dos nomes conhecidos, nada realmente pertence a eles, muito embora sejam assim atribuídos por Virgílio.

[13] O restante dos casos não é esclarecido por Mererich (1912), pois a escrita dos manuscritos pode ter sido comprometida de alguma forma, já que frequentemente encontra-se o acusativo ou genitivo no lugar de nominativo, embora isso aconteça quase aleatoriamente, não apresentando nenhuma regularidade em seu uso; por exemplo: em uma parte encontra-se a frase *quaestio solutionis satis indigna*, enquanto anteriormente a mesma frase foi usada como *quaestio solutionem satis indigna*.

De acordo com Marão, Varrão teria escrito os versos:

> *festa dium sollemnia*
> *pupla per canam conpita,*
> *quorum fistilla modela*
> *poli persultant sidera*
>
> as festas solenes dos deuses
> e as ruas públicas eu canto,
> e ao som de uma flautinha módela
> saltam as estrelas no polo

E Catão:

> *bella consurgunt poli praesentis sub fine,*
> *precae temnuntur senum suetae doctrinae,*
> *regis dolosi fovent dolosos tynannos,*
> *dium cultura molos neglecta per annos.*
>
> bélicas surgem do polo presente sob fim,
> prega desdém dos velhos folgados a lição,
> do rei a manha afaga manhosos tiranos,
> culto divo moeu negligência por anos.

Como haveria a chance de tais versos pertencerem aos autores mencionados, foi realizada uma pesquisa para encontrá-los – afinal, como são escritores clássicos famosos, a chance de encontrar o original transcrito, caso houvesse, seria relativamente alta. Contudo, a busca se provou infrutífera, posto que as obras desses autores são fragmentárias, resultando na conclusão de que essas citações de Marão são falsas ou, na verdade, se atribuem aos seus contemporâneos que adotaram pseudônimos de gente conhecida, como o próprio Virgílio deve ter feito.

2.5. Aspectos linguísticos estranhos: erro ou intenção?

O último ponto deste capítulo vai servir como ponte direta para o seguinte, no qual pretendo fazer um tipo de “diário do tradutor”. Aqui, minha intenção é indicar alguns problemas gramaticais observados ao traduzir, de modo a simplesmente apontar a sua existência. Porém, esta será uma abordagem relativamente superficial, uma vez que o capítulo 3 abordará mais a fundo, com mais exemplos, essa questão.

Abaixo está a primeira frase encontrada no epítome I, seguida da minha tradução e da versão italiana de Polara (1979):

> *Toto proficit in polo nostrae connumeratio litteraturae, quia non pecuniarum contractus, sed sapientiae quaestus ratiocinamur.*
>
> A soma da nossa literatura é lucrativa por todo o mundo, porque não calculamos em transações financeiras, mas pelo lucro da sabedoria.
>
> *In ogni parte della terra è utile l'analisi delle varie parti della nostra letteratura, perché non valutiamo dei rapporti economici, ma i guadagni del spere.*

Partamos para outro exemplo:

> *Litterarum autem numerus omnibus tritus est; figura quoque* ***palculis*** *patet; de potestate autem, quia magna ex parte legestum est,* ***bigerro*** *sermone* ***clefabo****.(grifos meus)*
>
> Quanto ao número das letras, por todos isso já foi bem pisado; a forma também é patente aos meninotes; sobre o poder também, que em grande parte já foi lecionado, eu clefalarei num sermão variopintado.
>
> *Quanto al numero delle lettere, esse è notissimo a tutti, e l'aspetto grafico è conosciuto perfino dai bambini; sul loro valore, siccome in gran parte se ne è già letto, io parlerò in stile variopinto.*

A ordem das palavras nessa sentença, retirada do início do segundo parágrafo do epítome II, já está parecida com aquilo visto na tradução para o português, o que ajuda muito, tornando a compreensão da sentença mais rápida. Dessa forma, resta apenas entender os significados das palavras marcadas com negrito. Em *palculis*, nenhuma ocorrência com "palc-" existia no *Dicionário Latino-Português* (Saraiva, 2006), no entanto, a palavra lembra *paulus*, "pequeno", donde foi interpretado "meninotes" – devido ao fato de a tradução de Polara (1979) apresentar "bambini" para designar o termo. Por outro lado, *bigerro* e *clefabo* não parecem com nada no português. Mais uma vez a interpretação de Polara foi a salvação, embora apenas parcialmente, já que o editor usou palavras completamente comuns para traduzir essas palavras estranhas. Levando em conta o editor, *bigerro* seria "variopinto", enquanto *clefabo*, "parlerò", e *sermone*, "in stile". Devido ao uso de palavras estranhas, aparentemente a tradução de Polara acabou sendo bastante livre e interpretativa, dando uma impressão bem simplista do texto latino para um leitor que não possa acompanhar bem no original[14].

[14] Contudo, Mererich (1912, p. 11) afirma que *bigorre* seria uma referência ao distrito de Bigorra, ao norte dos Pireneus, gerando ainda mais confusão em relação à sentença, não sendo possível chegar a nenhuma conclusão definitiva devido às diversas teorias conflitivas acerca do local de origem de Virgílio Marão.

Além dos pontos exibidos acima, já foram citadas partes dos textos de Kawczynski (1889) e Mererich (1912), a partir das quais pudemos ver que não apenas Virgílio Marão inventou versos e tentou disfarçá-los com nomenclaturas tradicionais (por exemplo, dizer que os versos seriam dactílicos e espondaicos, quando na verdade estariam em troparia bizantina), como também criou definições próprias para termos gramaticais técnicos já tradicionais – as quais não são exatamente coerentes. Outro exemplo que mostra a incoerência, talvez proposital, do autor é o uso da palavra que designa a conjugação dos verbos: enquanto nos epítomes o termo escolhido é *coniugatio*, nas epístolas é usado *ordinatio*, ambos designando a mesma coisa (não havendo distinção técnica, como é feito entre *latinitas* e *oratio*, por exemplo).

Levando isso em consideração, podemos imaginar que a prolixidade do texto, os erros gramaticais, as mentiras nas explicações e invenções estranhas foram feitas propositalmente – muito embora alguns "erros" possam ser apenas uma marca da influência do latim gaulês[15], vulgar ou não, se considerarmos verdade a hipótese de Marão ser de Toulouse (região próxima de onde foram encontrados quatro dos manuscritos principais de sua obra).

Dessa forma, é possível pensar em duas razões para o autor usar esse estilo (as quais não precisam ser necessariamente excludentes): a obscuridade seria uma forma de tornar as referências e criações estranhas reconhecíveis apenas aos "iniciados" na hipotética escola de retóricos de Toulouse e/ou então, uma maneira de tornar evidente que o texto seria uma paródia, uma brincadeira (ainda assim, exigindo certo nível intelectual do leitor, caso contrário as referências e estranhezas seriam totalmente irreconhecíveis, fazendo o texto parecer apenas (mal) escrito por um total ignorante).

Obviamente, isso ainda requer um estudo mais aprofundado, o que exigiria a análise completa da obra para verificar a veracidade dessas hipóteses levantadas,

[15] Na epístola *De pronomine* (apud Mererich, 1912, p. 38), Virgílio mencionaria formas abreviadas de adjetivos possessivos (usando a ordem: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo) masculinos (singular: *mus mi mo mum mi mo*; plural: *mi morum mis mos o mi a mis*), femininos (singular: *ma mae mae mam o ma a ma*; plural: *mae marum mis mas mae a mis*) e neutro (*mum*). Essas seriam exatamente as formas do latim vulgar que geraram, no francês, *mon, ma, ton, ta, son, sa, mes* (cf. Meyer-Lübke, II, p.108 e Diez, p.470-472).

tentativa que pode se provar infrutífera, não chegando a nenhuma conclusão definitiva – como a história já mostrou, já que praticamente todo autor que escreveu sobre Marão concorda com o fato de ele permanecer um mistério, e que nada dito sobre ele pode ser conclusivo até que mais alguma evidência seja encontrada a respeito dele.

3. SOBRE A TRADUÇÃO

3.1. Um primeiro contato

Meu projeto de tradução ao verter parte da obra de Virgílio Marão Gramático do latim para o português não pode ser caracterizado exatamente como “meu”: uma vez que fui orientado, e esta monografia não foi autogerada, muito menos a tradução poderia ser atribuída apenas a mim. Por isso, embora a escolha final das palavras inventadas tenha cabido a mim, e eu tenha feito sozinho o esboço da tradução, foi apenas graças a ter alguém experiente no ofício para guiar meus passos (ou meus dedos ao digitar, se preferir) que eu consegui o resultado apresentado no último capítulo. Para que não fique exaurido de méritos, menciono que o processo da tradução, que levou mais da metade de um ano, foi elaborado principalmente no contato direto com o texto.

Justo por se tratar de uma obra cheia de problemas a serem resolvidos é que foi necessário primeiramente confrontar os “códigos” de Marão para então chegar a uma conclusão, ainda que passível de debate. No caso, a ideia geral foi a de manter as estranhezas do texto – por considerar que são parte integrante de qualquer tentativa de interpretação – e inventar palavras no português para cada ocorrência de verbete que não fosse possível encontrar nos dicionários de latim clássico, medieval e grego antigo. Não apenas as palavras por si só, mas algumas construções foram propositadamente traduzidas para sentenças muito próximas do agramatical no português. A escolha por agir assim foi feita devido a o texto ser bastante confuso em algumas passagens (por exemplo, coordenações se estendendo por várias linhas com o uso de diversos pronomes similares para retomar termos diferentes, neologismos que mais soam como mera ignorância, uma grafia completamente fora do padrão, etc.), por conseguinte, manter essa obscuridade pareceu a melhor maneira de recriar Virgílio em nossa língua pátria. Assim, este projeto de tradução assume os problemas pontuais encontrados na obra como fundamentais para a leitura do original e para sua interpretação. Se a proposta foi atingida ou não, cabe aos olhos críticos dos avaliadores decidirem.

O início do trabalho com o texto foi um pouco turbulento devido à falta de edições; a princípio usamos Huemer (1886) para começar a tradução, já que foi a

primeira encontrada. Boa parte do primeiro epítome foi vertido até a edição de Polara (1979) chegar às minhas mãos, momento em que foi necessário compará-la ao trabalho feito até então para encontrar todas as diferenças e consertá-las para adequar à edição possuída – as quais não foram tantas, porém significativas. Infelizmente, apenas ao final do ano de monografia foi quando tivemos acesso a uma edição mais recente, a de Löfstedt (2003). Devido à falta de tempo hábil, arrumar possíveis conflitos será deixado para um projeto futuro, exceto nas últimas páginas do quarto epítome (onde, por exemplo, foi encontrada a palavra “siue” no lugar do aparentemente ininteligível “sixe” visto na edição de Polara), já que a tradução desse trecho foi realizada ao final do trabalho, de forma a ser feita com mais calma.

Comparando as três edições de maneira superficial, podemos resumir suas características principais da seguinte forma: em Huemer, vemos apenas a numeração das linhas e de epítomes e uma enorme quantidade de palavras estranhas, o que provavelmente se deve ao manuscrito central escolhido para a versão; em Polara, há uma útil separação entre tópicos, facilitando a compreensão de algumas passagens, algo que já não acontecia com Huemer, além de uma tendência para a uniformidade na grafia (um processo interpretativo que se reflete na tradução que será comentada); em Löfstedt, a quantidade de vírgulas no texto é exponencialmente maior do que nas edições anteriores, de forma que isso melhora ainda mais a compreensão interpretativa das sentenças frequentemente enormes e ambíguas empregadas por Virgílio – embora Löfstedt não tenha a mesma separação de tópicos feita por Polara, a quantidade de parágrafos é muito maior, o que deve ser resultado de uma provável substituição do recurso ponto-e-vírgula pelo ponto-final; além disso, a edição de Löfstedt tende para uma maior variedade nas grafias, criando um efeito de maior confusão morfológica, como a de Huemer, o que parece indicar seu processo de leitura do texto.

Depois de mencionar algumas diferenças mais básicas entre as três edições, nada melhor do que provar, de fato, a existência delas. Abaixo, o mesmo trecho do final do quarto epítome é listado cronologicamente ao longo das edições; citarei os três sem me dar o trabalho de fazer um comentário mais minucioso que redunde no que resumi anteriormente.

Huemer (1889):

> [...] quae ex eliminatione hoc est ab inscribtione uocitantur. haec de dialecta arte sint dicta, quam sofisticam id est argutam siue ex sapidio sapidiosam nonnulli appellauerunt. nunc ad geometricam ueniamuis.
>
> Geometrica est ars disciplinata, quae omnium herbarum graminumque experimentum enuntiat: unde et medicos hac fretos geometres uocamus id est expertos herbarum.

Polara (1979):

> 10. [...] quae ex elimatione hoc est ab inscribtione vocitantur.
>
> 11. Haec de dialectica arte sint dicta, quam sofisticam id est argutam sixe ex sapidio sapidiosam nonnulli appellaverunt; nunc ad geometricam veniamus. Geometria est ars disclipinata, quae omnium herbarum graminumque experimentum enuntiat; unde et medicos hac fretos geometres vocamus id est expertos herbarum.

Löfstedt (2003):

> [...] quae ex elimatione, hoc est ab inscribtione, uocitantur.
>
> Haec de dialecta arte sint dicta, quam sofisticam, id est argutam, siue ex sapidio sapidiosam nonnulli appellauerunt.
>
> Nunc ad geometricam ueniamus. Geometrica est ars disciplinata, quae omnium herbarum graminumque experimentum enuntiat. | Vnde et medicos hac fretos geometres uocamus, id est expertos herbarum.

Uma vez feita essa breve introdução, vamos à teoria e, em seguida, à comparação entre a minha tradução para o português com a versão para o italiano, feita por Polara.

3.2. Recriação poética

A metáfora do barqueiro, usada por Henri Meschonnic em seu livro *Poética do Traduzir* (1999, p. XXV), juntamente com a sua explicação, representa claramente como fui aconselhado a fazer a tradução de Virgílio Marão. Talvez “induzido”, ou “convencido”, seja o melhor termo a ser empregado aqui: como faço parte da habilitação de estudos linguísticos (por isso a escolha de uma “gramática”), foram pouquíssimos os contatos que tive com textos a respeito dos estudos de tradução, exceto durante a IC, quando pude ser apresentado a grandes nomes da área com certa profundidade. Entretanto, como não estava traduzindo nada durante essas leituras, acabei não pensando na época sobre o ofício do tradutor, nem como aplicar essas teorias a uma prática específica. Dessa forma, eu fui guiado a adotar uma

postura voltada para a criação de uma boa tradução literária, aquela que não se prende exclusivamente ao signo, levando em consideração, para além das palavras, também o que interpreto como o tom do texto no ato tradutório. Assim, posso afirmar com convicção que procurei ao máximo repassar o que considero ser o tom do original, seja mantendo estranhezas sintáticas e morfológicas, ou procurando copiar o tom pomposo e sério que comumente é encontrado nas gramáticas normativas prescritivas do período.

Voltando à citação mencionada acima, Meschonnic (1999, p. XXV) afirma que a representação reinante da tradução é a do informacionismo, a literatura seria encarada apenas como a informação do conteúdo dos livros. Então, a constatação elementar de que a tradução seria um elo de comunicação entre as línguas mascararia o fato de a maioria das pessoas ter acesso aos grandes textos da humanidade por meio de versões, salvo no caso daquilo pensado na própria língua do leitor. Finalmente, a metáfora do barqueiro seria agradável para exemplificar isso tudo, pois o que importa não é fazer passar simplesmente, o relevante mesmo é o estado como chega do outro lado aquilo transportado para a outra língua. O que tentei fazer pela recriação do texto.

O seguinte trecho de Haroldo de Campos (1992, p.35) explicita com precisão o que foi pensado durante a (re)criação de neologismos no português para designar as palavras inventadas por Marão:

> Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por signo icônico aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal.

Esse trecho também explica mais ou menos qual foi o meu interesse em traduzir a obra de Virgílio: o texto é cheio de dificuldades na materialidade do signo, portanto é muito recriável e sedutor, de modo que eu não poderia deixar de oferecer à língua portuguesa, na medida das minhas capacidades, ao menos um pouco dessa obra tão interessante.

Ao focar tanto no signo, como visto acima, Haroldo parece bater de frente com Meschonnic (1999, p. XXX), já que esse julga como traduções ruins aquelas focadas apenas nisso.

> A resposta da poética é que a unidade da linguagem não é a palavra, e não pode, pois, ser o sentido, seu sentido. O alvejador se engana de alvo. Porque ele só conhece o signo. Mas a unidade é o discurso. O sistema do discurso.

Porém, seria um grande engano pensar assim, pois poucas páginas adiante, Haroldo de Campos (1992, p.37) já fala de "traduzir o tom" ao citar[16]:

> "Entre nós" – afirma Pasternak (*Essai d'Autobiographie*) – "Rilke é realmente desconhecido. As poucas tentativas que se fizeram para vertê-lo não foram felizes. Não são os tradutores os culpados. Eles estão habituados a traduzir o significado e não o tom do que é dito. Ora, aqui tudo é uma questão de tom."

Essa menção faz referência ao trecho de Kenner, colocado logo antes:

> O trabalho que precede a tradução é, por consequência, em primeiro lugar, crítico, no sentido poundiano da palavra crítica, uma *penetração intensa da mente do autor*; em seguida, técnico, no sentido poundiano da palavra técnica, uma projeção exata do conteúdo psíquico de alguém e, pois, das coisas em que a mente desse alguém se nutriu [...] Suas melhores traduções estão entre a pedagogia de um lado e a expressão pessoal de outro, e participam de ambas. (grifos meus)

Espero ter deixado clara a não contradição das citações feitas acima, a qual poderia ser entendida de modo contrário caso não explicasse. Agora, aproveitando o dito de Kenner, gostaria de afirmar que essa "penetração na mente do autor" é algo quase improvável de ser conseguido no caso de Marão, porém é uma empreitada que Vivien Law (1995) procurou realizar, a partir da qual poderíamos inferir que não apenas o texto de Virgílio seria uma paródia, mas também poderia conter uma veia crítica em relação ao pensamento cristão medieval, abordando temas filosóficos condenados pela Igreja de forma cômica para disfarçar a seriedade do assunto e, assim, não ser taxado como herege. Porém, não podemos afirmar isso da obra apenas com quatro epítomes traduzidos, então é preferível deixar esse trabalho de discussão a respeito do texto para outro trabalho mais aprofundado. No momento, apenas deixo em aberto essa questão (sem descartar nem aderir a essa teoria de Law), somente a exponho por achar válida a menção ao assunto espinhoso de

[16] Esse trecho não tem a pretensão de levantar qualquer questão relacionada a Rilke, mas apenas utiliza essa discussão de Haroldo para dar o contexto das afirmações na menção, pois essas não pareciam passar a mesma mensagem fora dele.

“entender a mente do autor”. Na verdade, considerando o trabalho tido durante a tradução, temo que conseguir esse feito levaria o seu autor diretamente para o sanatório, uma vez que foram frequentes os momentos de desespero por não entender praticamente nada do que Marão estava tentando dizer, até finalmente recuperar a calma e ter uma “epifania” que fazia tudo parecer um pouco mais claro. O que pode se provar um ledo engano no futuro, conforme mais gente se empenhe no estudo de autor tão caótico como Virgílio Gramático.

Talvez o seguinte excerto de Haroldo de Campos (1992, p.43) faça sentido e concorde com a exposição do parágrafo anterior:

> A tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematicidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo da técnica do traduzido. Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivissecção implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica. Paulo Rónai cita uma frase de J. Salas Subirat, o tradutor para espanhol de Ulysses de Joyce, que diz tudo a este propósito: “Traduzir é a maneira mais atenta de ler”. E comenta: “Precisamente esse desejo de ler com atenção, de penetrar melhor obras complexas e profundas, é que é responsável por muitas versões modernas, inclusive essa castelhana de Joyce”.

Mudando um pouco de assunto, mas retomando o título deste subtópico, busco em Meschonnic (1999, p. XVII) a razão por que chamo minha tradução de poética, enquanto recriação, roubando suas palavras e pondo-as como minhas:

> Digo *poema* para toda a literatura, não somente no sentido restrito habitualmente para a ‘poesia’ por oposição ao ‘romance’, abafando-o sem mesmo tomar conhecimento da ausência de distinção entre poesia e o verso, com a redução da poesia a um gênero. No que concerne à relação entre o poema, um pensamento do poema e esta atividade particular da linguagem que consiste em renovar a experiência.

Recriação por que:

> Uma tradução é um ato de linguagem. A meteorologia do pensamento obriga a enunciar este truísmo. Em nenhum caso, mesmo quando é excelente, uma tradução não pode passar, fazer-se passar pelo original. Ela tem sua própria historicidade. (ibid, p. XXVI)

Falando sobre o texto original, não podemos deixar de listar os termos do acompanhamento da tradução tradicional: equivalência de fidelidade, transparência/apagamento e modéstia do tradutor, a tradução como interpretação, a separação concebida como dado imediato da linguagem (entre sentido/estilo e

sentido/forma). Todos são entendidos por Meschonnic como elementos característicos de uma má tradução, exceto em relação à interpretação, que seria paradoxalmente também algo próprio da boa tradução por que:

> [...] a interpretação é da ordem do sentido e do signo. Do descontínuo. Radicalmente diferente do texto, que *elabora* aquilo que diz. O texto é portador e levado. A interpretação, somente levada. A *boa* tradução deve fazer, e não somente dizer. Deve, como o texto, ser portadora e levada.

Retomemos agora os termos listados no início do parágrafo anterior com o seguinte trecho de Meschonnic:

> A fidelidade, tão respeitável em aparência, e requerida como o menor dos respeitos devidos ao texto e ao leitor, a fidelidade que deve acompanhar a modéstia, o apagamento do tradutor, para atingir a transparência em relação ao original, tudo o que deveria ser a própria transparência é, na realidade, um disfarce amável colocado sobre um pacote de ignorância e de obscuridade. Fidelidade de quem? Fidelidade a quê? Pretensamente ao texto a traduzir. Mas logo quando se olha de que ela é feita, vê-se que ela é primeiro uma fidelidade ao signo. E às ideias preconcebidas. O apagamento do tradutor só tem uma visada: dar a impressão de que a tradução não é uma tradução, oferecer a ilusão de natural. Ficam por apagar todas as particularidades que pertencem a um outro modo de significar, apagar as distâncias, de tempo, de língua, de cultura.

Com isso em mente, não creio ter feito uma tradução que tenha a intenção de se fazer passar pelo original, mas sim uma recriação consciente dele no português. Dessa forma, tomo uma postura totalmente diferente da adotada na tradução de Polara (1979), já mencionada no capítulo anterior: nela, o tradutor simplesmente anula toda e qualquer criação ou invencionice, seja gramatical ou sintática, de Marão original, fazendo-o passar por um texto completamente normalizado, exceto pelo seu conteúdo de caráter quase que “ignorante”, beirando o esquizofrênico nas partes que mais mostram a criatividade do autor.

A partir daqui, acho válido começar uma série de comparações entre a minha tradução e a de Polara (a única completa a que conseguimos ter acesso ao longo dos últimos dois anos), de modo a explicitar as diferenças entre as traduções. Vamos aos exemplos.

O trecho abaixo é referente ao início do segundo tópico do primeiro epítome, sobre a sabedoria. Nele, as palavras em itálico representam os problemas encontrados durante a tradução, as quais foram marcadas nas três línguas de modo a facilitar a comparação. Dentre elas, boa parte são neologismos (*pada*, *telleam*,

aetreae), adaptações de palavras existentes (*perfendiant*, *decelsiorem*) ou significados não geralmente associados no latim ao verbete (*moda*). Como fica claro nos excertos abaixo, eu procurei manter a estranheza ao deixar as palavras quase intactas, sacrificando um pouco do sentido. O mesmo não pode ser dito da versão italiana, que usou palavras comuns para os termos em destaque. Em especial, vale mencionar *pada*, pois não foi possível encontrar absolutamente nada minimamente similar para tentar associar um significado na tradução, algo que não pareceu ser um problema para Polara. É importante ressaltar que o tradutor italiano não revela seu método tradutório, de modo que pode deixar o leitor desavisado completamente perdido quanto à materialidade do texto de Virgílio Gramático: aparentemente o tradutor imaginou qual era o sentido da frase e colocou uma palavra que solucionasse o problema, *biasimi*, na qual a tradução portuguesa se baseou por total falta de escolha (ainda assim, a escolha foi uma palavra não convencional para repassar o sentido com o estranho).

Latim:

> 2. Nemo sane in hac me carpat *pada*, quod veluti praeposterato *telleam aetreae* ordine antetulerim, cum scandentium hic mos sit, ut ab inferioribus incipiant et ad superiora *scalatim perfendiant*, unde et conparationum gradus hac *moda* ponimus, ut primum possitivum acsi *decelsiorem*, dein conparativum, exhinc superlativum ordiamus.(grifos meus)

Português:

> 2. Ninguém há completamente que me *tolha* por ter invertido a ordem do *teleo* a do *aetreo*, conforme o seu costume de escalar, começando a partir das partes mais baixas e *escalonadamente impelindo* às mais elevadas. Donde que, deste *modo*, apresentamos um grau de comparação, ordenamos em primeiro lugar o positivo como o mais *decelso*, depois o comparativo, e então ordenamos o superlativo. (grifos meus)

Italiano:

> 2. E che nessuno mi *biasimi* su questo punto, perché io ho messo il sapere *terrestre* prima di quello *celeste*, invertendone, per così dire, l'ordine; infatti è abitudine di quelli che salgono cominciare dai livelli più bassi e *inalzarsi* di *gradino in gradino* verso i più alti, e perciò noi disponiamo i gradi della comparazione in maniera da mettere all'inizio il positivo, che è il *più basso*, poi il comparativo e quindi il superlativo. (grifos meus)

Como visto acima, o trabalho de Polara acaba apresentando boa parte das quatro formas de teralogias em tradução, como explicitado por Meschonnic (1999, p.XXXV):

> Existem quatro formas de teralogia em tradução (a metáfora biológica implica a comparação com um corpo são e íntegro e o texto a traduzir corresponde a este corpo): as *supressões* ou omissões no texto, em que há falta de uma palavra ou de um grupo de palavras; os *acréscimos*, porque a tradução se crê obrigada a explicitar; os *deslocamentos* de grupos (a unidade estando no grupo, não na palavra) [...]; enfim, banalmente, observa-se ao mesmo tempo uma *não-concordância* e uma *anticoncordância*: não-concordância, quando uma mesma unidade de sentido é traduzida por muitas, desfigurando o ritmo semântico, e anticoncordância ou contraconcordância quando inversamente muitas são transformadas numa única. Naturalmente, não-concordância e anticoncordância podem se reunir. E as quatro formas de teralogia, como era de se esperar, acham-se também geralmente juntas. Em nome do natural.

Por ora, paremos com a teoria e voltemos às comparações.

Para não ficarmos apenas com o primeiro epítome de exemplo, partiremos agora para exemplos encontrados no quarto, para mostrar o tratamento feito com os versos aparentemente inventados pelo autor, já que não conseguimos identificar nenhuma fonte, e os editores e comentadores parecem estar na mesma situação. Porém, vale ressaltar que o segundo tópico continua no mesmo nível de estranheza, então colocá-lo inteiro pareceria repetitivo (o mesmo vale para outros exemplos, pois apenas mostraria novamente que as diferenças principais entre as traduções aparecem junto com as estranhezas do original latino). E ainda, sobre os 12 tipos de latim “descritos” por Virgílio, também convém dizer que Polara não fez nenhuma tentativa de tradução dos neologismos para a palavra “fogo”, limitando-se apenas a deixar a palavra em latim na sua versão.

Antes de seguir em frente, no entanto, vale mencionar um trecho muito interessante, referente ao décimo primeiro “tipo de latim”, no qual há um jogo de palavras absurdo.

Latim:

> XI siluleus, eo quod de silice sileat, unde et silex non recte dicitur, nisi ex qua scintilla silet;

Português:

> XI. ‘silúleo’, porque da sílex sileluca; logo, nada deve ser nomeado “sílex”, a não ser que sileluque silelucas.

Italiano:

> XI *siluleus* perché scaturisce dalla selce (*de silice sileat*) sicché non è esatto chiamare “selce” se non la pietra da cui scaturisce la scintilla.

Acompanhe: *siluleus, silice, sileat, silex, scintilla, silet*. Não apenas é uma série muito sonora, como também essas palavras constituem boa parte da frase inteira, sendo derivadas do mesmo radical e gerando uma sequência quase hipnotizante. Para evitar neologismos e deixar claras algumas partes da tradução, Polara se vale da menção direta do latim durante o texto da versão, de modo a mostrar a quem entende no idioma do original qual a invenção interessante do trecho – algo que se repete ao longo da tradução, visto logo no início do segundo epítome, quando Marão faz uma comparação das fases da vida do homem com diferentes estilos e modalidades da escrita.

Mas vamos aos versos (a ordem dos idiomas está como latim, português e italiano):

Latim:

> *Phoebus surgit, caelum scandit,*
> *polo claret, cunctis paret.*

Português:

> Febo nasce, escala nuvens,
> brilha ao polo para o povo.

Italiano:

> *Febo sorge, sale nel cielo, splende nella volta celeste, si mostra a tutti.*

E também:

Latim:

> *festa dium sollemnia*
> *pupla per canam conpita,*
> *quorum fistilla modela*
> *poli persultant sidera.*

Português:

> as festas solenes dos deuses
> e as ruas públicas eu canto,
> e ao som de uma flautinha módela
> saltam as estrelas no polo.

Italiano:

> *Le solenni feste degli dei canterò nelle pubbliche strade, e al ritmo di zampogna di questi canti danzano le stelle del cielo.*

Não é preciso nos alongar muito nos exemplos, pois os dois acima já mostram claramente o meu ponto nesta parte: Polara não se preocupou em traduzir mantendo qualquer tipo de metrificação usada por Virgílio (um assunto bastante complexo tratado, por exemplo, pelo já mencionado Kawczynski (1889, p.39, 103, 154-159), quando o autor faz uma extensa análise sobre os versos usados no quarto epítome, chegando até a escandi-los para mostrar o quanto eles seriam similares à estrutura de uma tropária bizantina), preferindo apenas dar o sentido dos versos. Para compensar, no entanto, ele os coloca inteiros, em latim, no meio da tradução italiana – outra vez mostrando que o seu projeto de tradução seria mais compreensível para quem já entende o idioma. Quanto à minha versão para o português, houve uma tentativa de manter o número de sílabas do verso em latim, assim como efeitos sonoros que a repetição de consoantes possa ter causado. No primeiro exemplo, isso é visto ao manter as oclusivas para todas as palavras do segundo verso. Por outro lado, pelas limitações de nossa língua, o segundo exemplo precisou de um número de sílabas levemente maior do que no latim, de modo a abarcar diferentes partículas de sentido.

Agora que já mostrei com um pouco mais de detalhes como funciona o meu projeto de tradução, já posso retomar Meschonnic, com aquilo que pode ser considerado como fundamental na sua *Poética do Traduzir*: a teoria não vem antes da prática, mas é feita a partir dela, num entrelaçar entre as duas instâncias (p. LXIII). Ou então, com as suas próprias palavras:

> A história do traduzir mostra que não há de um lado a teoria, de outro os tradutores [...] todos os que legaram um pensamento do traduzir são tradutores. Seu pensamento foi sempre de experiência, e muitas vezes polêmico, porque eles se defendiam, como São Jerônimo e Lutero.

Com a intenção de reforçar, deixar claro, meu vínculo com os estudos linguísticos, assim como exibir uma relação com a passagem logo acima, acho pertinente usar o parágrafo anterior ao que exibe a ideia de a teoria não vir antes da prática (p. LXIII):

> Os problemas do traduzir são os da teoria geral da linguagem, de tal maneira que podemos vê-los a partir de uma crítica do signo, ela própria possível e necessária somente como um pensamento do conjunto da

> linguagem e da literatura. Os problemas do traduzir põem a nu os efeitos do signo. É nisto que a tradução é ao mesmo tempo uma poética experimental e um lugar de observação único para a teoria da linguagem.

Ou seja, traduzir seria uma maneira de trabalhar com a teoria da linguagem, pois os problemas encontrados durante o processo serviriam para esclarecer e entender o signo, algo que, no caso específico da obra de Marão, acaba se tornando de suma importância. Além disso, a tradução expõe questões que poderiam passar despercebidas em leituras menos cuidadosas, expandindo o horizonte de possibilidades ao abordar determinado texto. Dessa forma, a tradução dos epítomes foi uma experiência feita não apenas com a intenção de repassar o tom do texto, como também entendê-lo um pouco melhor.

Com isso concluo o que eu tinha para dizer sobre teoria da tradução e do meu projeto ao verter Virgílio Gramático. Então, feita esta brevíssima exposição teórica e, por que não, prática, podemos partir para a tradução, a qual está presente no capítulo seguinte. Por questões de conveniência para o leitor, a edição foi feita de modo bilíngue, facilitando assim a leitura.

4. TRADUÇÃO DOS QUATRO PRIMEIROS EPÍTOMES

I. DE SAPIENTIA

1. Toto proficit in polo nostrae connumeratio litteraturae, quia non pecuniarum contractus, sed sapientiae quaestus ratiocinamur. *Sapientia* autem ex sapore sic nominatur, quia sicut in corporis fit gustu, ita et in animae motu quidam sapor est, quia artium dulcedinem gustet, qui verborum sententiarumque vim discernat amara quaeque refutans, suavia vero consectans. Amara quidem dicimus quae sectarum contraeunt veritati, suavia autem quae uniuscuiusque artis ac disciplinae suggerunt rationem. Haec sapientia biformis est, aetrea telleaque, hoc est humilis et sublimis: humilis quidem, quae de humanis rebus tractat; sublimis vero quae ea quae supra hominem sunt internat ac pandit.

2. Nemo sane in hac me carpat pada, quod veluti praeposterato telleam aetreae ordine antetulerim, cum scandentium hic mos sit, ut ab inferioribus incipiant et ad superiora scalatim perfendiant, unde et conparationum gradus hac moda ponimus, ut primum possitivum acsi decelsiorem, dein conparativum, exhinc superlativum ordiamus. Huius itaque sapientiae peritia in homine similitudo demonstratur, qui plastum telleum afflamque habet aetream; haec ergo pars sapientiae, quae humilis est, sublimi servire debet, sicut et plastum afflae. Unde etiam nos, qui filosophiae artibus nimie studemus, quamlibet hisdem quaedam eorum quae antiquioribus Hebreorum legibus, quas divinas autumant, canitus promulgata sunt controversari videantur, non audemus tamen decelsis celsa subicere. Hoc ergo nobis omnimodatim actitandum est, ut nostram eloquentiam, nostram solertiam, nostrum studium nostrumque leporem in illius aetreae legis construmentum ornatumque ministremos. Etenim quicumque hancce, quam nos valde aemulem putamus, ita defendunt peritiam filosophorum, ut auctoritatem primae Hebreorum minulae huicce quamvis ornatae recentiori sectae postferant, incassum omne suum expendunt audatum. Sed hiis praetermisis ad ipsius Latinitatis, quae minula sapidinis est minima, oratorium transeamus.

I. DA SABEDORIA

1. A soma da nossa literatura é lucrativa por todo o mundo, porque não calculamos em transações financeiras, mas pelo lucro da sabedoria. Além disso, a sabedoria é assim chamada a partir de “sabor”; porque, da mesma forma que no paladar do corpo, também há no movimento da alma um certo sabor, que degusta a doçura das artes, que discerne a força de palavras e argumentos, rejeitando o que é amargo e seguindo o que é doce. Dizemos amargas as coisas que se opõem à verdade das correntes de pensamento, e doces aquelas que contribuem para a razão de cada arte e disciplina. Esse tipo de sabedoria é biforme, aetreo (celeste) e teleo (terrena), isto é, humilde e sublime. A classe humilde trata sobre assuntos humanos, e a classe sublime interna e revela o que está acima do homem.

2. Ninguém há completamente que me tolha por ter invertido a ordem do teleo a do aetreo, conforme o seu costume de escalar, começando a partir das partes mais baixas e escalonadamente impelindo às mais elevadas. Donde que, deste modo, apresentamos um grau de comparação, ordenamos em primeiro lugar o positivo como o mais decelso, depois o comparativo, e então ordenamos o superlativo. Assim, desta sabedoria se demonstra uma semelhança parelha no homem, que tem o molde por teleo e o sopro por aetreo. Assim, esta parte da sabedoria, por ser humilde, deve servir à sublime, da mesma forma que o molde serve ao sopro. De onde nós, que estudamos demasiadamente sobre as artes da filosofia, não importa o que aquilo dos quais, tais como o que está nas mais antigas leis dos hebreus, que julgam divinas, recitado publicamente, que pareça controversar, não ousamos rebaixar as coisas decelsas às excelsas. Então, isso nos inatar todamente, como nossa eloquência, nossa sagacidade, nosso entusiasmo e nossa delicadeza, a ministrarmos o ornamento e a construção dessa lei aetrea. Com efeito, todo aquele que esta mesma, como pensamos ser êmula, assim defendem a perícia dos filósofos, como a autoridade das primeiras mais pequenas dos hebreus ainda que sejam consideradas divididas as coisas ornadas mais recentemente, em vão julgam tudo aquilo ousado. Mas nessa são premissas para da própria latinidade, uma vez que mínima a minusculice da sabença, passemos ao oratório.

3. *Latinitas* autem, ut quidam rentur, ex Latino est orta, quasi qui ipsius linguae auctor exstiterit. Latinus quidem fuit Anneus, quem bis centenarium fuisse ferunt; sed quia hic Beli cuiusdam regis temporibus fuerit et longe ante linguarum retroacta divissio sit, negare cogimur Latinitatem utpute antiquiorem ex ipso Latino ussurpavisse vocabulum, sed putius, ut Aeneae ac maioribus visum est, ex latitudine ipsius linguae constat fuisse dirivatam. Denique cum Hebream Grecamve transedere in Latinam linguam volueris, hanc omnibus modis, loquelis orationibus syllabisque latiorem offendies. Haec autem Latinitas propter oratorum ornatissimum leporem *oratio* nuncupatur, unde et partes orationis intellegendae sunt partes Latinitatis. At vero qui partes orationum caraxare volunt, nescio qua auctoritate animantur, nisi forte, ut Glengus tractavit, quem Asperius secutus est, orationes pro sermonibus eloquentionibusque accipiendae sunt, quae in octo partes findi soleant.

4. Latinitatis autem genera sunt XII, quorum unum ussitatum fitur, quo scripturas Latini omnes atramentur. Ut autem duodecim generum experimentum habeas, unius licet nominis monstrabimus exemplo. In usitata enim Latinitate *ignis* primo habetur, qui sua omnia ignit natura; II *quoquihabin,* qui sic declinatur: genitivo *quoquihabis*, dativo *quoquihabi*, accussativo *quoquihabīn* veru superpossito, vocativo *quoquihabĭn* breve, ablativo *quoquihabi*; et pluraliter *quoquihabīs* producte, genitivo *quoquihabium*, dativo *quoquihabibus*, accussativo *quoquihabis*, vocativo *quoquihabis*, ablativo *quoquihabibus*; *quoquihabin* dicimus, quod incocta coquendi habet dicionem; III *ardon* dicitur, quod ardeat; IIII *calax calacis*, ex calore; V *spiridon*, ex spiramine; VI *rusin*, de rubore; VII *fragon*, ex fragore flammae; VIII *fumaton*, de fumo; VIIII *ustrax*, de urendo; X *vitius*, qui pene mortua membra suo vigore vivificat; XI *siluleus*, eo quod de silice sileat, unde et *silex* non recte dicitur, nisi ex qua scintilla silet; XII *aeneon*, de Aenea deo, qui in eo habitat, sive a quo elimentis flatus fertur. Sic per omnia pene oracula Latina haec summa generum supputatur.

3. A latinidade, porém, como alguns pensam, seria originada de Latino, como se ele próprio fosse o autor dessa língua. O mesmo Latino foi Aneu, que dizem ter chegado aos duzentos anos; mas porque viveu no tempo de um certo Rei Belo, e muito retroagisse a divisão das línguas, somos levados a negar que a latinidade, já que é mais antiga, tenha usurpado do supercitado Latino seu nome; mas está claro, tal como julgavam Enéias e os mais antigos, que foi derivado da latitude da própria língua. Então, se traduzirmos a língua hebreia ou a grega para a latina, nós nos depararemos que esta, de todas as maneiras, nos termos, nas orações, nas sílabas, é mais lata. Esta latinidade, porém, por causa da graciosidade de oradores ornadíssimos, é denominada *oração*; disso deve ser entendido que as partes da oração são as partes da latinidade. Mas, na verdade, aqueles que querem caractar as partes dos discursos, não sei de que autoridade estão imbuídos, senão por acaso, como tratara Glengo, a quem Aspério seguiu, as orações devem ser entendidas como sermões eloquenciosos, e costumam ser divididas em oito partes.

4. Existem doze tipos de latim. Dentre eles há um de uso comum, e nele os latinos pintam todas as escrituras. A fim de que tenhas exemplo dos doze tipos, é necessário que os demonstre usando apenas uma palavra. Na latinidade mais usual, tem-se fogo I. Porque sua natureza essencial é foguear tudo. II. Cozecidade, que assim é declinado: genitivo ‘da cozecidade’, dativo ‘para a cozecidade’, acusativo ‘a cozecidade’ dubiamente colocado acima, vocativo breve ‘ó cozecidade’, ablativo ‘pela cozecidade’. No plural produziria ‘cozecidades’, genitivo ‘das cozecidades’, dativo ‘para cozecidades’, acusativo ‘as cozecidades’, vocativo ‘ó cozecidades’, ablativo ‘pelas cozecidades’. Dizemos ‘cozecidade’, uma vez que possui a capacidade de cozer o não cozido. III. É chamado ‘árdon’, pois arde. IV. ‘cálax’, a partir do calor. V. ‘espirido’, a partir de explosão. VI. ‘rúsis’, pela cor rubra. VII. ‘crépiton’, do crepitar das chamas [fragor]. VIII. ‘fômon’, a partir da fumaça. IX. ‘ústrax’, do ustro. X. ‘vido’, porque traz de volta a vida aos membros moles. XI. ‘silúleo’, porque da sílex sileluca; logo, nada deve ser nomeado “sílex”, a não ser que sileluque silelucas. XII. ‘êneon’, do deus Enéias, que nele habita; ou por quem o sopro é carregado para os elementos. Assim esta totalidade de tipos é suputada por quase todos os oráculos latinos.

II. DE LITTERA

1. Littera est velut quaedam legendi nativitas, unde et eius incrementa infantuli e matris utero prorumpentis aetatibus meum Aeneam aequiperavisse memini. Ut enim infans dicitur qui loqui nescit, et parvulus, cum parva gressuum molimina nititur inprimere, et puer quando pubescit, adulescens autem cum proceritate corporis adulescit, iuvenis vero cum iuventute adulta coniugiis armis ceterisque liberalibus studiis iam dignus fit, at vir cum omnium sensuum consiliorumque virtutem nanciscitur, ita etiam littera ab ipsis cerae caracteribus usque ad quassorum conpossitionem hosce ordines directat: siquidem infans appellatur, cum artem non solet, hiis dumtaxat, qui caraxandis per ceras grammulis eisdem indigent, parvula vero est cum syllabarum conglutine paulatim gradiatur, puerula cum pedum mensuris crescat, adulescentula cum poetica metra per versuum carminula soffat, at iuvencula cum cassuum verborumque quandam intellegentiam capissat, virgo autem cum quassorum, ut dixi, conpossitionem plenissime perdoceat. Et ut aliquid intimatius aperiam, littera mihi videtur humanae condicionis esse similis: sicut enim homo plasto et affla et quodam caelesti igne consistit, ita et littera suo corpore – hoc est figura arte ac dicione velut quisdam conpaginibus arctubusque – suffunta est, animam habens in sensu, spiridonem in superiore contemplatione.

2. Litterarum autem numerus omnibus tritus est; figura quoque palculis patet; de potestate autem, quia magna ex parte legestum est, bigerro sermone clefabo. Quaedam quidem vocalium mobiles sunt, quaedam autem stabiles, mobilesque aliquotes fortes nonnumquam proscriptivae videntur ut *a o u*. Etenim *a* cum in principio fineve alicuius artis possita fuerit, *e* statim non subsequente, maxime cum producatur fortiosa erit, ut *ars amor scola*; at enim cum in praedictis locis *e* eam subsecuta fuerit, *a* infirmis habebitur, ut *aes Aeneas Micenae Gannae*. Sic et *o* fortis in hisdem locis erit ut *amo os origo sermo*, at cum *e* sequatur diptongi loco ponetur, ut *coena foedus goela*. *U* autem aliquoties liquiscit,

II. DA LETRA

1. A letra é assim como, digamos, o nascimento da leitura, daí que eu me lembre de que meu mestre Enéias costumava comparar o crescimento dela ao de um menino, desde saído do útero da mãe. Pois, de tal modo é dito que um infante não sabe falar, um pequenino se esforça a aplicar pequenos esforços ao andar, um púbere quando entra na puberdade, depois um adolescente ao adolescer da altura do corpo, um jovem ao chegar verdadeiramente na juventude adulta (já está pronto para o casamento, as armas e o resto dos estudos liberais), e viril ao obter a virtude de todos os sensos e conselho; assim também é a letra, desde os caracteres da cera até direcionar a composição e a ordem de abalos[17]: com efeito, é chamada infanta quando não ressoa a arte, ao menos para quem é incapaz de caractar gramatinhas sobre a cera; é pequenina quando reproduz paulatinamente a conglução das sílabas; púbera ao crescer para a medida em pés; adolescente, ao sofiar poeminhas em versos na métrica poética; jovena, ao captar certa inteligência sobre casos e verbos; e virgem, por fim, como eu disse, quando já perdoutrina plenissimamente a composição de abalos. E, como hei de expor na intimeza, para mim a letra se semelharia com a condição humana: tal como, na verdade, o homem consiste de molde, sopro e de certo fogo divino, assim também a letra fonteia em seu corpo – ou seja, na forma, na arte e na dicção, que são quase como órgãos e membros –, e tem sua alma no sentido, o espíridon na contemplação superior.

2. Quanto ao número das letras, por todos isso já foi bem pisado; a forma também é patente aos meninotes; sobre o poder também, que magna parte já foi lecionada, eu clefalarei num sermão variopintado. Com efeito, algumas vogais são móveis, outras são estáveis, algumas vezes as móveis também são fortes e por vezes parecem proscritivas , como *a*, *o*, *u*. Pois quando o *a* é posto no princípio ou no fim de alguma arte, sem um *e* logo subsequente, será produzido com a força máxima, como em *ars amor scola*; mas, quando no lugar já dito, for subseguida de *e*, teremos um *a* infirme, como em *aes Aeneas Micenae Gannae*. Então *o* também será forte no mesmo lugar, como em *amo os origo sermo*, mas quando seguido de *e*, será posto em lugar de ditongo, como em *coena foedus goela*. *U*, porém, algumas vezes se liquefaz,

[17] A palavra original é *quassus*: não faz sentido no contexto da frase, mas parece significar “frase”.

cum ab alia diciosiore proscribatur, ut *uatis uerax uinum uox*, vel a semet ipsa, ut *uultus*. Mulae praeterea litterarum ob hoc fortiosae sunt, quia solae absque ullius alterius amminiculatione valent, ut *a e o c*. *A* enim et *e* recte praepossitiones sunt; *o* quoque aliquoties interiectio, modo autem vocativus omnium pronominum, sepe etiam verbum activum licet indeclinabile; dicis etenim *o regem decorosum*, hoc enim sonat *miror regem decorosum*, unde non recte quidam eam nominativo applicare constat dicentes *o rex decorosus*; *c* sane in copulativis recte receptanda est, cum optativum modum negandi adverbia *non* vel *ne* praecesserint et idem iterato cum *nec* adiectione sequatur, a quo *c* ablata capiti testimonii adiungitur, ut *ne* resedeat secundum illud Galbungi, ubi de Turno quassum facit: *at vero*, inquid, *rex Turnus, ne populum incassum profligaret nec urbem Fidenam perderet, proeliantes pene sedavit amicos*; ita soffonitur: *at vero sedavit ne profligaret*, et iteratione: *c sedavit ne perderet urbem Fidenam*. De *h* autem hoc dicendum est, quod semper inspirat, nunc ad fortitudinem, nunc ad motationem tantum: nam cum semivocalem praecesserit *f*, solum sonum pariter motabunt, ut *hfascon*, et faciunt *p* pro se; si vero mutam *c* vel *t* vel *p*, suum sonum non amittit, ut *hcorda htronus hpalanx*. *N* autem si eam *f m p v* secutae fuerint, in *m* sonum vertetur manente figura vel inmolata, si ita libeat, ut si dicas *non fuit* sonum *m* habeat; sic *infecit, inflavit, confundit, invenit, non valet, non piget, inpossuit, non manet*.

quando é pós-scrita por outra mais dizente, como em *uatis uerax uinum uox*, ou por outra de si mesma, como em *uultus*. Além disso, multas das letras são fortes por conta própria, porque sozinhas valem mais sem nenhuma outra por corrivação, como *a*, *e*, *o*, *c*. Pois *a* e *e* corretamente são preposições, *ó* também algumas vezes é interjeição, no modo vocativo de todos os pronomes e também pode, muitas vezes, ser um verbo ativo indeclinável; certamente se diz *o regem decorosum*, tal como se fala *miror regem decorosum*, donde não falem corretamente aqueles que costumam aplicá-lo no nominativo, *o rex decorosus*; o som de *c* no copulativo é corretamente recuperado quando advérbios de negação como *non* (não) ou *ne* (para que não) precedem o modo optativo e o mesmo é seguido de uma segunda adjunção como *nec* (nem), a partir da qual o *c* roubado é adjungido no início do testemunho, como *ne* repousa, segundo Galbundo, quando faz abalo sobre Turno: *at vero* (na verdade), diz ele, *rex Turnus, ne populum profligaret incassum nec urbem Fidenam perderet, proeliantes pene sedavit animos* (o rei Turno, para não desbaratar o povo em vão, nem destruir a cidade Fidena, os ânimos dos guerreiros quase acalmou); e assim é sofonado: *at vero sedavit ne profligaret* (*na verdade, para não abater, acalmou*), e a repetição: *c sedavit ne perderet urbem Fidenam* (acalmou, para não destruir a cidade Fidena, nem). Já sobre o *h* isto deve ser dito, porque sempre aspira, ora pela força, ora pela movimentação: por ser seguido de uma semivogal como *f*, somente um som igualmente moverão, como *hfascon*, e fazem *p* antes de si; se na verdade moverá *c* ou *t* ou *p*, seu som não sai, como em *hcorda*, *htronus* e *hpalanx*[18]. Já *n*, se for seguida de *f m p v*, seu som será vertido em *m*, quer se mantenha a figura ou seja imudada, se assim desejar, como se dirá em *non fuit* terá o som de *m*; assim: *infecit* (inficiona), *inflavit* (inflou), *confundit* (confunde), *invenit* (inventa), *non valet* (não valer), *non piget* (não pesa), *inpossuit* (impôs), *non manet* (não mantém).

[18] Marão inverteu o uso da letra h, o esperado seriam as palavras *chorda*, *thronus* e *phalanx*.

3. Scire et hoc vos in fine huius Epitomae hoc est expossitionis cupio, quod nulla littera conpoto careat; nam *a* sepe quingentos, sepe trienta, sepe decim, sepe unum significat; at *b* quinque milia vel duo tantum; *c* centum vel octuagenta; *d* et *f* et *n* et *q* quingentos semper et nongentos efficiunt; *i* et *e* vel quadrigentos vel unum tantum faciunt; *m r s u l* mile significant; *t* et *x* decim et decim milia; *g* omni numero usque ad decim subiecta est; *h* ab undecim usque ad trienta; *k* centies centena milia supplet; *o* nulli numero negatur sive manissimo sive minimissimo.

3. Desejo que vocês saibam no final deste epítome, isto é, exposição, que nenhuma letra carecerá de cômputo; pois A significa quinhentos, trinta, dez e um; enquanto B é cinco mil ou tanto dois; C é cem ou oitenta; D e F e N e Q são sempre quinhentos ou novecentos; I e E fazem tanto quatrocentos quanto um; M R S U L significam mil; T e X são dez e dez mil; G para todo número que esteja abaixo de X; H de onze até XXX; K cem vezes a centena e o milhar; O de nenhum número é negado, seja ele magníssimo, ou seja, minimíssimo[19].

[19] O valor das letras parece ser invenção de Virgílio para aquelas não usadas no latim. O gramático afirma que todas possuem significado, mas esse não é o caso em latim, embora se aplique a outras línguas, como, por exemplo, o hebraico. Para deixar clara a confusão, a tradução deixou as letras usadas por ele para falar sobre os números.

III. DE SYLLABIS

1. Syllabae sunt glutini litterarum, quibus vernale est quod nulla earum absque vocalibus litteris stare queat, unde et reginae dicuntur litterarum. Syllabae monades senas litteras transcendere non debent, ut *scrobs*, nec duas habere vocales, excepto cum diptongus aut aliquidatio significetur, ut *aes faus laus fraus*; dissylabae autem, cum in nomine aut verbo aut quavis arte forint, duas tantum vocales habebunt, exceptis quae supra diximus. Sciendum sane est quod ubicumque vocalem quamlibet in media arte possitam *s* duplicata secuta fuerit, eandem vocalem corripiemus, ut *vassa fossa clussit vissit vessit*; at si una *s*, vocalis producetur, ut *gloriosus visus*; omnis superlativus gradus *s* duplicatam semper habebit, ut *altissimus*. Sic et *m* duplicata antesitam corripit vocalem, ut *summus gammus*; sin alias, producetur, ut *sumus ramus*. Una littera quae opus syllabae facit, sicut *i* fortis, ita et longa erit ut *a e i o*. Syllabarum naturas quis facile intelleget, cum tam sepe motantur, ut a nemine omnino deprehendantur, quia secundum pedum statum flexibiles sunt? Etenim secundum necessitatem mensurandorum pedum de duabus syllabis una efficitur et longa vocatur, ut *audi vade aula*.

2. De conpoto autem syllabarum quia Terrentius plenissime disputavit nos breviter disseremus, ea tantum quae ipse reliquit subdentes. Omnis syllaba conpotaris duarum vel trium erit litterarum, dicis enim *al* et ostendis octingentos, et rursus *bpa* et significas trea milia.

3. Dispossueram quidem de syllabis longius sermonem protrahere, sed quoniam ad metrorum nos pensationem ordo provocat scribendi, quibus pedes et syllabae taxantur, idcirco commodius puto praemisa de syllabis quasi quadam praefatiuncula ad metrorum tendere expossitionem.

III. DAS SÍLABAS

1. As sílabas são a aglutinação das letras, as quais são subservientes porque nenhuma delas é capaz de se manter sem as letras vogais, donde são ditas as rainhas das letras. As unidades silábicas não devem ultrapassar seis letras, como em *scrobs* (cova), nem devem ter duas vogais, exceto quando significarem um ditongo ou uma aliquidação, como em *aes* (bronze), *faus*[20], *laus* (louvor), *fraus* (fraude); os dissílabos, por sua vez, terão duas vogais quando estiverem em nome, ou em verbo, ou em qualquer outra arte, exceto naquelas que mencionamos acima. Convém saber que, em qualquer lugar que houver um *s* duplicado no meio da arte logo após uma vogal, nós abreviaremos essa mesma vogal, como em *vassa fossa clussit vissit vessit*; mas se tiver apenas um *s*, alongaremos a vogal, como em *gloriosus visus*; todo grau superlativo sempre terá um *s* duplicado, como em *altissimus* (altíssimo). Assim também acontece que o *m* duplicado abrevia a vogal quando antesposta, como em *summus gammus*; do contrário, será longa, como em *sumus ramus*. Quando apenas uma letra tiver a função de sílaba, do mesmo modo que o *i* forte, ela também será longa, como em *a e i o*. Quem é capaz de entender facilmente as naturezas das sílabas, quando mudam com tanta frequência, de modo que por ninguém sejam depreendidas completamente, já que são flexíveis de acordo com a posição dos pés? Com efeito, segundo a necessidade das medidas dos pés de duas sílabas, faz-se uma só, que é pronunciada como longa, tal como em *audi vade aula*.

2. Uma vez que Terêncio já discorreu plenissimamente sobre o cômputo das sílabas, dissertaremos brevemente apenas sobre aquilo que ele deixou de lado. Toda sílaba seria computada com duas ou três letras, sendo dito, pois, *al* para indicar oitocentos, e *bpa* significando três mil.

3. Eu havia me decidido a me estender com mais delonga num sermão sobre as sílabas, mas, como a ordem do texto convoca-se-nos mais a ponderar sobre métrica, como a qual se avalia pés e sílabas, acho mais vantajoso deixar esta premissa das sílabas como se fosse um prefaciozinho para a exposição da métrica.

[20] Nenhum verbete similar a essa palavra foi encontrado, por isso não há tradução.

IV. DE METRORUM CONPOSSITIONE

1. Metrorum quidem conpossitio multifaria est; non enim ad eundem ordinem naturam numerum finemque omnia respiciunt, verumtamen hoc unum nosse debet unusquisque cantatorum, quod metra in quacumque pensatura fona sint. *Metrum* ex meta nomen accepit, cuius pedes dicti velut quaedam medietates fonorum, quae quoniam necessitate cantandi a poetis disparata sunt in tantum ut extrema foni parte in alterum translata nullum fonum incolome remaneat, hac causa nullum metrum planum inveniri potest.

2. Multas autem metrorum cantilenas propter poetarum rehtorumque voluntatem eorum sectae declarant: quaedam enim prosa, quaedam liniata, quaedam etiam mederia, nonnullaque perextensa ponuntur; quorum pauca pro vestra utilitate expossituri sumus. Prosa quidem sunt perbrevia, sicut in Aenea lectum est:

Phoebus surgit, caelum scandit.
polo claret, cunctis paret.

Hii duo versus octo metra habent: primum enim metrum *Phoebus* est, secundum *surgit* et sic per cetera fona, et ita hii duo collecti sedecim pedibus fulciuntur; omnes autem prosi versus spondeum edi solent. Hoc autem sciendum est, quod inter omnes pedes dactylus et spondeus principatum habeant. Mederiorum versuum est nec prosos nec liniatos fieri, quod magis pro cantantium modulatu quam rationis respectu consuetum est, Varrone canente:

festa dium sollemnia
pupla per canam conpita,
quorum fistilla modela
poli persultant sidera.

IV. DA COMPOSIÇÃO DOS METROS

1. A composição dos metros é certamente variada; pois as coisas não apontam para a mesma ordem, natureza, número e fim, mas todo cantador deve saber uma única coisa: que os metros são sons em qualquer medida. “Metro” recebe o nome de “meta”, cujos pés são ditos como quase os centros dos sons, os quais, devido à necessidade de cantar dos poetas, são alterados de tal modo, que, uma vez que a parte final do som é translada em outro, não resta nenhum som incólume, por isso nenhum metro plano pode ser descoberto.

2. Assim, graças à vontade dos poetas e retores, as suas seitas apresentam muitas cantilenas de metros: pois algumas são prosas, algumas lineadas, algumas medieiras, e algumas superextensas; delas, exporemos algumas para vosso uso. Com efeito, as prosas superbreves, assim como se lê em Enéias:

Febo nasce, escala nuvens,
brilha ao polo para o povo.

Esses dois versos têm oito metros: o primeiro, pois, é o metro *Phoebus*, o segundo é *surgit* e dessa forma para o resto dos sons, e assim esses dois versos somados são suportados por 16 pés; porém, todos os versos de prosa são, por costume, produzidos por espondeus. Mas isso é conhecido, pois entre todos os pés, os dactílicos e espondeus são os principais. Os versos medieiros não são prosas nem lineados, um costume que mais se deve ao modulado dos cantores do que ao respeito pela norma, como canta Varrão:

As festas solenes dos deuses
e as ruas públicas eu canto,
e ao som de uma flautinha módela
saltam as estrelas no polo.

Nunc metire per metra: primus versus est trium metrorum, quorum primum per spondeum et duo sequentia dactylis ponderantur, ut *festa* I, *dium sol* II, *lemnia* III, et sic per IIII versus pari lance pensatos bis sena repperies metra et pedes II trienta. At liniati versus quinque semper metris meteri debent, secundum illud Catonis eligantissimi rehtoris:

bella consurgunt poli praesentis sub fine,
precae temnuntur senum suetae doctrinae,
regis dolosi fovent dolosos tyrannos,
dium cultura mpolos neglecta per annos.

In hiis versibus primum spondeus et tertium metrum itidem spondeus, reliqua trea dactyli sunt, qui pedes habent LII. Perextensi autem versus ornato quidem sed inrationabili circuitu pene usque ad XII metra perveniunt, secundum illud Lupi Christiani ita effantis:

Veritas vera, aequitas aequa, largitas lauta, fiditas fida diurnos dies tranquilla tenent tempora.

Nam hic versus, et hoc plus solito, necessaria ut credo verbi adiectione XIII metra tenet, cuius pedes sunt XXXIII.

3. Sunt autem qui adiciunt trifonos aut quadrifonos versus, quibus quidem non est derogandum, quia poetis libertas quaedam suos conponendi versus a veteribus nostris permisa est; sed tamen indubita fides non est hiis adhibenda, qui auctoritate canorum nulla soffatorum suffulti permisum magis sequi quam exemplum voluerunt. Quorum versus in medio proferemus; Don quidem discentis mei Donati germanus frater trifonum versuum canticum in laude Arcae, regis Archadum, possuit dicens:

Archadius rex terrificus,
laudabilis laude dignissimus.

Agora medir pelos metros: o primeiro verso é de três metros, dos quais o primeiro é por espondeu e os dois que seguem são considerados dactílicos, como *festa* I, *dium sol* II, *lemnia* III e assim pelos quatro versos são encontrados medidos doze metros e trinta e dois pés. Também, os versos lineados devem sempre medir cinco metros, segundo a fala do elegantíssimo retor Catão:

bélicas surgem do polo presente sob fim,
prega desdém dos velhos folgados a lição,
do rei a manha afaga manhosos tiranos,
culto divo moeu negligência por anos.

Nesses versos, o primeiro é espondeu e o terceiro metro é igualmente espondeu, o restante são três dáctilos, os quais têm cinquenta e dois pés. Além disso, os versos superextensos, de modo movimento ordenado, mas anormal, quase chegam até doze metros, assim foi dito segundo aquele Lobo Cristão:

vera verdade, justa justiça, larga largueza, leal lealdade detém dias diurnos e tempos tranquilos.

Com efeito, neste verso, o qual também está para além do costume, é necessária impor a adição de uma palavra, para ter treze metros, cujos pés são trinta e três.

3. Existem aqueles que adicionam versos trífonos ou quadrífonos, aos quais certamente não se deve derrogar, porque foi permitida pelos nossos ancestrais certa liberdade na composição dos seus versos para os poetas; entretanto, não se deve dar uma confiança indubitável a eles, que sem se apoiar na autoridade dos cantores sofiadores, preferiram seguir o que é permitido, ao exemplo atestado. Citaremos alguns desses versos no meio. Don, renomado irmão do meu aluno Donato, compôs um cântico de verso trífono em louvor a Arca, rei da Arcádia, que diz:

Arcádico rei terrífico,
Louvável, louvor digníssimo.

Gergesusque in commentariis suis, quos de sole luna astris et praecipue caeli arcu septem vienti voluminibus edidit, quadrifonis persepe usus est versibus, quorum uno tantum in principio possito exempli et ego gratia utar; dicit enim:

Sol maximus mundi lucifer
omnia aera inlustrat pariter.

Horum ordines versuum, quia non ad certam auctoritatem sed ad varietates poeticorum cantuum manifestandas possiti sunt, indagari me necesse non est, praesertim cum omnis qui voluerit eos pensare, facillime veleat.

4. Nonnulli aiunt quod in unoquoque gresu duum pedum primus elevetur et secundus inclinetur vel, ut proprius dicam, solvatur, ut *légit ágit núbit vádit*. Sed nos dicimus, quod rectum esse sentimus, quia non minus secundos pedes repperimus elevari quam primos, ut *egó amá docé audí*. Maxime autem haec diversitas ob simulium fonorum discretionem repperta est, ne confussibilitas aliqua nascatur. Dicimus enim nominativo cassu *sédes* elevato primo pede, at, si verbum sit, versa vice secundum levantes pedem dicimus *sedés*. Sic cum dicuntur *réges* primus erigitur, at cum verbum *regés* secundus pes elevatur; quod tamen non secundum rationem metrorum, sed secundum discretionis aptitudinem facere solemus; sicut etiam *póne* imperativo modo primam acuimus syllabulam et novissimam calcamus, atque e diverso ubi adverbium fit aut praepossitio, prima calcata novissima acuitur.

E Gergeso, em seus comentários, publicados em vinte e sete volumes, falou sobre o sol, a lua, as estrelas e, especialmente, sobre o arco do céu, usando muitíssimas vezes versos quadrífonos; cujo exemplo posto em seu início eu usarei para exemplificar. Diz, pois:

Lúcifer, sol do mundo,
Ilumina o ar profundo.

As ordens desses versos não me são necessárias indagar, pois não foram posicionados por autoridade instituída, mas para demonstrar a variedade dos cantos poéticos. Especialmente para todos que desejem pensar sobre eles, conseguirão com facilidade.

4. Alguns dizem que, em todo agrupamento, o primeiro pé é elevado e o segundo decai, ou, como direi eu mesmo, é dissolvido, como em *légit* (cólhe), *ágit* (ágе), *núbit* (cása), *vádit* (ségue). Mas nós o dizemos, uma vez que sentimos ser mais correto, porque percebemos que os segundos pés não se elevam menos que os primeiros, tal como em *egó* (eú), *amá* (amái), *docé* (falái), *audí* (ouví)[21]. Além disso, essa diversidade é percebida por diferenciar as semelhanças de sons, a fim de que nenhuma confusibilidade ali nasça. Dizemos, então, *sédes* (séde) no caso nominativo, com primeiro pé elevado; porém, se fosse verbo, ao contrário, o segundo pé deveria ser elevado, e diríamos *sedés* (sentái). Assim como se é diz que em *réges* (régе) o primeiro é erguido, mas com o verbo *regés* (regei), o segundo pé é elevado. Entretanto, assim costumamos fazer não segundo a razão dos metros, mas segundo a aptidão da diferenciação; da mesma forma, em *póne* (ponde), no modo imperativo, acentuamos a primeira silabinha e rebaixamos a seguinte, e de modo diferente, onde haveria um advérbio ou preposição, a primeira é rebaixada, e a seguinte acentuada[22].

[21] Virgílio confunde acentuação e duração das sílabas, ou ao menos finge confundir, já que os exemplos de oxítonas são na verdade de paroxítonas, embora terminem com sílabas longas.
[22] Nos dois casos, de advérbio ou proposição, *pone* continuaria a ser paroxítona mesmo segundo a regra anteriormente apresentada por Virgílio, por ter um *o* longo e um *e* breve, exatamente como no caso do imperativo.

5. Sunt etiam quaedam carminum genera quae, quamquam extraordinaria esse videantur, tamen a rehtoribus ac leporicis secundum inlectum voluntatum sepiter usurpantur, ut sunt cantamenta et cantatellae, quibus vel maxime Sagillius Germanus et Vitellius utuntur. Et ille quidem in libello de mare et luna scripto statim in prohemio cantamentum inseruit dicens:

mare et luna concurrunt una
vice altante temporum gande;

iste vero in laude Matronae uxoris suae cantatellam satis intulit iocundam, ita infiens:

mea, mea Matrona, tuum amplector soma,
nobis anima una heret atque arctura.

6. Et quoniam de rehtoribus et leporicis mentiuncula facta est et de metris atque carminibus sermo progressus est, videatur mihi commodum esse ut aliquanta de filosophiae generibus memorem. *Filoshophia* quidam est amor et intentio sapientiae, quae fons et matrix est omnis artis ac disciplinae, unde et omnis qui in quacumque parte sive caelesti sive terrestri puro amore et intenta sollicitudine sapificat, *filosophus* recte dicendus est. Nostrae autem filosophiae artes sunt multae, quarum studia principalia sunt: poema, rehtoria, gramma, leporia, dialecta, geometria et cetera, quae non tam emulitatem quam curiositatem praetendunt.

7. Inter poemam et rehtoriam hoc distat, quod poema sui varietate contenta angusta atque obscura est; rehtoria autem sui amoenitate gaudens latitudinem ac pulchritudinem cum quadam metrotum pedum accentuum tonorum syllabarumque magnifica annumeratione praelapat. Sed multi in hoc tempore vim differentiamque harumce artium ignorantes in rehtoria poemam et in poema rehtoriam agglomunt non habents in memoria quod Felix Alexander Argorum magister praeceperit, *unaquaque* inquiens *ars intra suas conteneatur metas, ne adulteretur disciplina maiorum et nos aput eos accussare cogatur*. Sepissime versus mei soliti meminisse conpellor, quem frequenter in explobrationem nostri temporis gurgonum decanto:

5. Existem também alguns gêneros de poema tais que, conquanto pareçam extraordinários, ainda assim são usados cercadamente pelos retores e elegantados segundo o apelo do desejo, como acontece nos cantamentos e cantatelas, que sobretudo Sagílio Germano e Vitelio usaram. E aquele, com efeito, inseriu na introdução de um cantamento, em um livrinho escrito recentemente sobre o mar e a lua, o seguinte:

mar lua se alternam una
no gande altante dos tempos;

Este, por sua vez, em louvor de sua esposa Matrona, trouxe uma cantatela bem agradável, assim começando:

minha, minha Matrona, eu abraço o teu soma,
nossa alma está unida em apenas uma vida.

6. Já que dos retores e elegantados foi feita mençãozinha e a discussão sobre metros e poemas avançou, para mim parece cômodo que lembremos um pouco sobre os gêneros da filosofia. *Filosophia* é um certo amor e intenção pela sabedoria, a qual é fonte e matriz de toda arte e disciplina, donde é corretamente chamado *filosophus* todo aquele de qualquer campo, seja celeste ou terrestre, que se sapidifica com amor puro e solicitude atenta. Porém, da nossa filosofia as artes são muitas, cujos principais estudos são: poema, retória, gramma, eleganteza, dialecta, geometria e outras coisas que pretextam não tanto a imitacidade, quanto a curiosidade.

7. Entre poema e retória isto difere, pois a poema, contente com sua variedade, é limitada, estreita e obscura; já a retória, satisfeita com a sua amenidade, dispersa amplitude e beleza com um magnífico cálculo de metros, pés, acentos, tons e sílabas. Mas muitos em nosso tempo, que ignoram a força e a diferença destas artes, aglomam a poema na retória e a retória na poema, sem lembrar aquilo que Felix Alexandre, professor de Argos, ensinara: “toda e qualquer arte deve ser contida dentro de suas metas, para que a disciplina dos antigos não se adultere, nem venha nos acusar diante deles”. Sou compelido a lembrar amiúde do meu costumeiro verso, que eu frequentemente canto em crítica dos gurgões de nosso tempo:

Mulctavi tornores logi nec arena cessi.

Et revera quis internas sapientiae venas intrabit? Quis omnem pernoctationem, omnem sollicitationem, omnem diem, omnem noctem erga sapientiam transiget? Multi etenim sapificare incipientes a puero festim ad saeculio negotia relictis legitimis studiis praecipiti feruntur ictu, unde et nostri definiere doctores neminem eorum qui saeculi et cupiditate pecuniae vinculantur ad veram sapientiae scientiam perfendere posse.

8. Sed, ut ad incepta redeam, leporia est ars quaedam locuplex atque amoenitatem mordacitatemque in sua facia praeferens, mendacitatem tamen in sua internitate non devitat; non enim formidat maiorum metas excedere, nulla reprehensione confunditur. De qua pauca non pigito promere exempla: Lapidus quidem in Assia minore oratorio praesens multa reprehensione digna conscripsit, ut illud:

Sol in ocassu metitur maria;

Nulla hiic veritas est, nulli enim creatae naturae maris profunda metiri possibile est: ergo nos dicimus *sol in ocassu tinguit mare*, quo quodammodo transitorie tincto usque ad possessores festinato perfendies totos illis ardentissime fulget noctu. Lapidus itidem dicit:

ventus e terra roborum radices evellit
altas;

Quod fieri omnino non potest, sed tantum ventus robora labefactat.

9. Gramma est litteraturae pervidatio, quae quasi quaedum totius lectionis semitula est; unde et a plerisque *littera* interpretatur legitera, quod est legendi itinerarium, cuius praeconizo et laudo utilitatem, quam omnis pene participat mundus.

puni torçores do logos sem sair da arena.

E, em verdade, quem entrará nas veias internas da sabedoria? Quem atravessará todo o pernoite, toda a solicitude, todo o dia, toda a noite atrás da sabedoria? Na verdade, muitos iniciantes no sapificar desde meninos apressadamente são levados pela precipitação a abandonar os estudos legítimos em nome de negócios seculares, donde nossos doutores definiram que ninguém que esteja vinculado ao prazer secular e à cobiça por dinheiro possa se impelir até a verdadeira ciência da sabedoria.

8. Mas, para retornar ao que foi começado, a eleganteza é uma arte rica que traz em sua face à amenidade e à mordacidade, no entanto, ela não evita a falsidade em seu âmago. Pois não receia exceder as metas dos antigos, e não se confunde por nenhuma repreensão. Sobre esta, não tenho pudor de apresentar um pequeno exemplo: um certo Lápido, participando de um oratório, na Ásia Menor escreveu muitas coisas dignas de repreensão, tal como:

o sol no horizonte mede os mares;

Nada disso é verdade, pois para nenhuma natureza criada é possível medir as profundezas do mar: então nós dizemos *sol in occasu tinguit mare* (o sol no horizonte tinge o mar), que assim transitoriamente tingido, terminando se apressa até seus detentores e ardentissimamente brilha para eles durante a noite. Lápido ainda diz:

vento da terra arranca dos carvalhos raízes
fundas;

O que não pode de modo algum acontecer, já que o vento apenas chacoalha os carvalhos.

9. A gramática é a translação da literatura, que é como um atalhinho de toda leitura; donde também *letra* é interpretada pela maior parte como lêgitra, porque é o percurso da leitura, cuja utilidade eu proclamo e louvo, já que quase todo o mundo toma parte dela.

10. Dialecta est mordatrix omnium verborum quae legi dici ac scribi ab omnibus solent, exinsterans quodammodo atque effibrans viscera sententiarum, medullas sensuum, venas fonorum, cuius auctores in omni pictura crocitant acriterque in reprehensionem ommnium scribtorum rictu hiante avidant, quorum unus erat Iulianus, pater Donati ac Donis, qui nobis dicebat multo aliut esse dici *non debet* et dici *non oportet*. *Oportere* etenim de oportunitate dirivatur, *debere* autem ex insolubili debito; unde et si dicis *non oportet,* non tam fieri omnino interdicis quam oportunum non esse ostendis, cum autem dicis *non debet*, indebitem est, si umquam fiat. Dicunt etiam aliut esse *non potest fieri* et *inpossibile fieri*; quod enim *non potest* ad praesens tantum non potest et forte aliquando possit, quod autem *inpossibile* est quasi definite dictum nequaquam poterit effici. Et hoc aliter esse dicunt, *locutus est* et *dixit mihi*; *loqui* enim inmorosioris eloquentiae est, *dicere* autem simpliciter communiterque ad omne dictum refertur. Dicunt quoque aliut esse *volo* et *cupio*; *velle* enim ex quadam suavi ac legitima voluntate intellegitur, *cupire* autem inmoderatae cupidatis est. Inter *bellum* quoque et *praelium* et *pugnam* et *certamen* non parvam differentiam esse adfirmant; *praelium* enim nonnisi in praelo hoc est in pelago effici potest, quod ideo *praelum* nominatur, quia prae ceteris elimentis quadam sui inmensitate inundando etiam et deundando quendam admirationis praelatum habet; *bellum* autem nonnisi in belsa hoc est in campo agitur: *belsa* enim ob hoc dicitur, quia belsa plurima quae sunt gramina profert; *certamen* autem ex certo loco hoc est receptaculo execitus dirivatur; *pugna,* in qua pugilles suos utrobique pugiones iectant. Dicunt etiam quod alia sit *plebs*, alius *populus*; *plebs* enim haec erit, quae planis agris dominusque omni substantia redundans per hoc nec belli pervicax nec doctrinae exstat efficax; *populus* autem ex pope hoc est ex fortitudine vel manuum vel sensuum sic apellatur, unde Honoratum reprehendimus grammaticum, qui canit:

10. A dialeta é a mordetriz de todas as palavras que costumam ser lidas, faladas e escritas por todos, desentranha de certo modo e desmembra as vísceras das sentenças, as medulas do sentido, as veias dos fonos, cujos autores em toda a pintura grasnam e se atiçam amargamente com bocarras abertas em repreensão a todos os escritores, dos quais um era Juliano, pai de Donato e Dão, que para nós dizia que era muito diferente falar *não se deve* e dizer *não é oportuno*. *Oportuno*, de fato, é derivado de "oportunidade", *dever*, por outro lado, vem de um "débito" insolúvel; quando se diz que *não é oportuno*, não se proíbe inteiramente, tanto quanto se mostra que não é a melhor oportunidade; já quando se diz *não se deve*, é indevido que alguém o faça. Dizem também que é bem diferente, "não se pode fazer" e "impossível fazer"; pois então "não se pode" não pode no presente, mas por acaso um dia poderá, por outro lado, *impossível* é frase quase definitiva porque de nenhum jeito poderá ser feito. E há também outro dito, "falou-se que" e "me disseram"; *falar* diz respeito a uma eloquência mais empenhada, já *dizer* diz respeito a todo dito, simples e comum. Dizem também que outros são *quero* e *desejo*; entende-se "querer" a partir de uma suave e legítima vontade, já "desejar" vem do desejo desmedido. Entre cada um de *belica, peleja, punha* e *certame*[23] há quem afirme não haver pouca diferença; "peleja" é assim porque o pelejar pode ser feito apenas no pélago então, por essa razão é chamado de *peleja* já que ante algum resto do elemento de sua imensidade ainda acaba inundando e ondulando alguma da admiração que tem o preferido[24]; já "belica" não existe senão na belca, isto é, sem ser realizada no campo: por causa do seguinte é dito belca, porque traz muitíssima belca, que nada mais é do que a grama; por sua vez, "certame" vem a partir de certo lugar, isto é, o abrigo onde o exército se refugia; "punha", pois dos punhos de ambos os lados são lançados punhais. Dizem também uma coisa é *plebe* e outro é *povo*; "plebe" será isso mesmo, pois [habita] em campos planos e em casas , de toda sua natureza redunda pelo local, nem é tenaz na guerra, nem é eficaz ao se destacar na educação; "povo" vem de popa[25], isto é, é chamado assim pela coragem das mãos ou sentidos, sobre o que repreendemos o gramático Honorado, o qual cantou:

---

[23] Referentes às palavras *bellum*, *praelium*, *pugnam* e *certamen*.
[24] Referente a *praelatus*.
[25] Sacerdote de ordem inferior.

Plebs in bello congregata est.

Et alio loco *verus* inquit *poeta sic ait;* hoc quam stulte locutus est, cum hoc dicere debuit: *verax poeta*; *verus* enim ad naturae tantum veritatem refertur, *verax* autem dicitur qui nequaquam mentitur. Non bene etiam plerique *consumptionem* in bonam partem et *consummationem* in partem malam acceptant, cum *consumptio* ad defectionem, *consummatio* ad perfectionem pertineat. Male quidam *loquillas* in elocutione intellegi volunt, cum *loquillae* diminutive sunt quasi simplicia clefia, *loqualae* per *e* et unam *l* scribendae ad perfectam pertenent elocutionem. Miror etiam cur *creaturas* pro elimentis et *elimenta* pro creaturis ex nostris et quidem sapientes quidam possuere, cum *elimentum* nonnisi aetreum quasi divinum aliquid vocandum sit, *el* enim aput Hebreos deus erit, unde et apud Grecos *helium* sol dicitur; *creatura* autem vocatur quicquid de terrae materia creatum sit; sunt *elimenta* hoc est initia litteraturae, quae ex elimatione hoc est ab inscribtione vocitantur.

11. Haec de dialectica arte sint dicta, quam sofisticam id est argutam sixe ex sapidio sapidiosam nonnulli appellaverunt; nunc ad geometricam veniamus. Geometria est ars disclipinata, quae omnium herbarum graminumque experimentum enuntiat; unde et medicos hac fretos geometres vocamus id est expertos herbarum.

12. Est alia filosophiae ars, quae astronomia nuncupatur, quam mathesin Greci vocant, quae astrorum omnium cursus liniasque ostendit, in qua arte temporum signa et operum oportunitates intelleguntur. Ex qua duodecim signa principalia suppuntantur, quae Greci, mazoron vocant, aput quos tamen non XII signa sed sedecim habentur, quorum sunt nomina *mon, mah, tonte, piron* vel *dameth, perfellea, belgalic, margaleth, lutamiron, taminon, raphaluth* et cetera; quibus omne humani generis ius gubernari putant,

a plebe foi reunida na guerra.

Em outro lugar, ele disse “assim o poeta fala verdadeiramente”; o quão tola é esta frase, ele deveria ter dito: “poeta veraz”; *verdadeiramente* vem da natureza de se referir à verdade, enquanto *veraz* é dito exclusivamente sobre a incapacidade de mentir. Muitos não aceitam bem *consumição* como função boa e *consumação* como função má, uma vez que é pertence ao defeito “consumir” e “consumar”, ao perfeito. Há quem queira entender algum mal em “loquelas”, como os diminutivos são uma simples clefia, loqualas pertence à elocução perfeita por ter ser escrita pelo E e um L. Surpreende-me alguns dos nossos, que deveriam ter esse conhecimento, trocar “criaturas” por “elementos” e usar também “elementos” no lugar “criaturas”, uma vez que *elemento* é senão algo a ser evocado pelo quase divino, já que os Hebreus chamavam deus de “El”, assim como os Gregos diziam Hélio para o sol; *criatura* é dito de qualquer coisa que tenha sido criada a partir da terra; são “elementos”, isto é, o início da literatura, pois é a partir da eliminação que se é evocada a inscrição.

11. Eis o que se diria da dialética, que alguns chamaram sofística, ou seja, arguta, ou então sabenciosa, que vem da sabença; agora, abordemos da geométrica. A geometria é uma arte disciplinada, que divulga experimentos de todas as ervas e gramíneas; donde chamamos médicos aos geometros confiáveis, aqueles que são peritos em ervas.

12. Há também outra arte da filosofia, a qual é nomeada astronomia, que os gregos chamam de mahtese, pois revela os cursos e as linhas de todos os astros; em tal arte são compreendidos os signos dos tempos e as oportunidades de trabalhos. Destes, são supostos 12 signos principais, que os gregos chamam de mazoron[26]; porém, de acordo com eles, não são 12 signos, mas sim dezesseis, cujos nomes são *mon*, *mah*, *tonte*, *piron* ou *dameth*, *perfellea*, *belgalic*, *margaleth*, *lutamiron*, *tamiron*, *raphaluth*[27] etc.; pelos quais eles pensam que toda a lei do gênero humano

[26] Termo grego provavelmente relacionado à astronomia, porém que não foi encontrado em nenhum dicionário daqueles pesquisados.

[27] Essas palavras são semelhantes às encontradas no epítome 15. Elas não são do latim nem do grego, mas talvez possam ser do hebraico ou do árabe, levando em conta a teoria de Leo Wiener, como já foi mencionado no capítulo 2 desta monografia.

sicut Aemerius de muliere quadam infatua dicebat: *haec ideo patitur, quia in prima nocte qua uxorata est mon cum belgalic cucurrerunt*. Sed quia stellas ex sese factas esse nulla ratio credi permittit, gubernari humani status iura et mores per astra credere nulli sensato fas est viro, sed putius per inmensam illam potentiam ex qua et stellae factae sunt omnium quoque hominum et tempora reguntur et opera, quam potentiam divinitatem et per hoc deum a culturae illius viris ac mulieribus vocari et invocari sepe videamus. Omnis igitur humana inferioribus ad superiora conscendat, quo scilicet naturalem omnium rerum notitiam hoc est fissicam disputans, ethicam quoque quae morum emulumenta pertenditur legitime transcedens, logicam ipsam hoc est rationabilem supernarum rerum attinguat disputationem.

13. Illud quoque omni sapienti sciendum atque scrutandum est, quomodo et qualiter sese plastus homo habeat, qui primum plastum ex limo dein afflam ex superioribus et haec ineffabiliter coniuncta habet, dissimili natura in semet ipso perfruens. Plastum quidem quasi materia viliore conpactum utpute ex liquidis et aridis, frigidis et calidis rebus conexum in familatum sibi affla, quae est anima, noverit deputatum; sed quia *anima* ad hoc tantum imperat corpori, ut animet sicut et omnia animantia, ergo nisi haec anima mentem et rationem habuerit, nihil ab animantibus differt, quae motu utroque carent. Sicut anima corpori, ita et mens animae et ratio praesulat menti: *mens* enim de metiendo dicta, quandam subtiliorum sensuum mensuram aperit animae, in quam capacitate tali quadam facta superior ratio infussa perfecte eam sapire facit in cunctis. Secundum triplicem ergo sapientiae, quam diximus, regulam triplex quoque in homine status est: *anima* quidem naturalia sapit, in qua est et *ingenium*, de ingenuitate creationis creatoris sibi insertum ac nominatum; *mens* autem moralia intellegit, in qua est *memoria*, qua visa vel audita tenaciter memorat et in ipsa velut in quodam integro vasse congregans innumeris cogitationibus scatet;

seja governada, como disse Emério sobre uma certa mulher adoidada: *ela sofre isso, porque na primeira noite na qual foi feita esposa houve cojunção do* mon *com o* belgalic. Mas, como não existe nenhuma razão para crer que as estrelas nasceram de si mesmas, não cabe a um homem sensato acreditar que as leis e os costumes do gênero humano sejam governados pelos astros, mas sim por aquela imensa potência pela qual nasceram as estrelas e também são regidos os tempos e os trabalhos de todos os homens, aquela potência é a divindade por que sempre vemos deus ser vocado e invocado pelos homens e mulheres daquele culto. Por consequência, toda atividade humana, toda sabedoria espera por isto: alçar-se do inferior ao superior; porque, por certo, disputando o reconhecimento da natureza de todas as coisas, isto é, a física, e transcendendo a ética, que legitimamente se estende à emulância dos costumes, atinge a própria lógica, ou seja, a discussão racional das coisas supernas.

13. Também deve ser reconhecido e perscrutado por todo sábio de que modo e maneira o homem foi moldado; primeiro foi moldado do barro, para então o sopro vir das alturas; e tem tais partes unidas de forma inefável, usufrui de natureza desigual nele próprio. O molde é reunido, com efeito, como que de uma matéria vil, a partir das coisas liquidas e secas, frias e quentes, conexo numa escravidão que o sopro, que é a alma, sabe o quanto lhe é submetida; mas porque a *alma* apenas impera o corpo, pois que o anima da mesma forma que a todos os animais, então, a não ser que essa alma tenha mente e razão, em nada difere dos animais, que carecem de ambos os movimentos. Assim como a alma preside ao corpo, da mesma forma a mente à alma e a razão à mente: *mente*, pois, provém de medição, revelando a medida dos sentidos mais sutis à alma, tal que se fez inserida nessa capacidade uma certa razão superior que faz com que ela saiba sobre todas as coisas. Portanto, de acordo com a tríplice regra da sabedoria, como já dissemos, há no homem também uma tríplice condição: sabe-se que certamente a *alma* entende as partes naturais, nela está também o engenho [*ingenium*], sendo em si inserido e nomeado pela ingenuidade da criação do criador; a *mente*, além disso, entende as partes da moralidade, nela está a *memória*, a qual se lembra tenazmente das coisas vistas ou ouvidas e da mesma forma nela própria verte, como num vaso íntegro, o aglutinamento de inúmeros pensamentos;

ratio vero superiora et caelestia perlustrans *intellectum* quodammodo ignitum flammosumque possidet. Non inmerito itaque praeceptores nostri et praecipue Sulpita atque Istrius hominem mundi minoris nomine censuerunt, quippe qui in semet ipso habet omnia, ex quibus mundus constat visibilis: terra enim in corpore et ignis in anima, aqua in rigiditate et aer in cogitamentorum velocitate accipitur, sol in splendore sapientiae, luna in incerto et instabili statu divitiarum iuventutisque, campus floridus in nobilitate virtutum et mititudinis planitia, montes in exaltatione generositatis, colles in successione hereditatis, valles in humiliatione tribulationis, ligna fructifera in fructibus largitatis, ligna sterilia et loca aspera et voragines inmundae spinae quoque et tribuli in malis moribus avarisque hiatibus, serpentes et pecora in simplicitate atque prudentia, mare quoque undosum biluosumque in turbinosa cordis profunditate hominis et in ipsa ratione.

14. His omnibus licet alio itinere decursis ad nostrum propossitum hoc est ad metrorum narrationem fine tenus recurramus. Omnis versus exametrus sive eptametrus rehtoribus poeticus erit; de Safico autem et heroico versuum metro in quadam epistola, quam inter duodecim ad Donatum Romam missimus, discribsisse me sufficienter memini; vereor ergo, ne si haec eadem repetiero, fastidiosus magis scribtor quam sollicitus doctor haberi incipiam. De Grecis autem metris, quorum natura dissimilis est et longe diversa, nihil hiic disputare necessarium reor cum Latinum opus efficiam.

15. Ante omnia autem trea ista omni doctori carmina conponere volenti necessaria sunt, ut primum discribendarum litterarum notitiam habens singularum modos mensurasque depinguat syllabarum neve versum versui et metrum metro commisceat, ne sua vel suorum ars bene conpossita per scribendi inperitiam nihil lucri legentibus conferat;

a *razão* sem dúvida deve percorrer as partes superiores e as celestes e possui o *intelecto*, que é de alguma maneira abrasado e inflamado. Não injustamente então nossos professores, principalmente Sulpita e Ístrio, avaliaram o homem com o nome de microcosmo[28], porque é aquele que em si mesmo tem todas as coisas de que consta o mundo visível: terra se acolhe no corpo, fogo na alma, água na rigidez e vento na velocidade dos pensamentos, sol no esplendor da sabedoria, lua na incerteza e instabilidade da condição das riquezas e da juventude, campo florido na nobreza da virtude e planície da tranquileza, montanhas na exaltação da generosidade, colinas na sucessão da hereditariedade, vales na humildade da tribulação, árvores frutíferas nos frutos da abundância, e também árvores estéreis, lugares ásperos, voragens imundas, espinhos e recifes nos maus costumes e em abismos avaros, serpentes e bestas na simplicidade e na prudência, também mar onduloso e bilioso na tempestuosa profundidade do coração humano e na própria razão.

14. Percorrida essa divagação sobre todas as coisas, convém retornar ao nosso propósito, isto é, até o fim da narração dos metros. Todo verso hexâmetro ou heptâmetro é retórico; por outro lado, o trímetro, o tetrâmetro e o pentâmetro serão poéticos; já os versos com metro Sáfico e heroico, lembro ter descrito que baste numa epístola das doze que enviamos para Roma até Donato; temo então, que se acaso repetisse o mesmo dela, começaria a ser tido como um escritor mais fastidioso do que como um professor didático. Quanto aos metros gregos, cuja natureza é diferente e amplamente diversificada, creio não ser necessário discutir, porque faço um trabalho latino.

15. Enfim, antes de tudo, três coisas são necessárias a qualquer doutor que deseje compor poemas: em primeiro lugar é que, tendo notícia sobre como discrever as letras, depinte os modos e as mesuras de cada sílaba, e não confunda verso com verso e metro com metro, para que nem sua arte nem a dos seus, uma vez bem composta, nada de lucro confira aos leitores por causa de uma escrita imperita;

[28] Literalmente seria “mundo menor”, mas a solução italiana da tradução para “microcosmo” parecia soar melhor e ser mais clara.

tum deinde ut in orationis partibus et Romana veritate non fallatur, ne quos eloquenter se conpossuisse putaret ignorata veritate Latina risum pro laude adquirat; tertio ut in suis carminibus unumquemque versum suo reddat iuri, ne, sicut rex Alexander Macido cuidam laudis carmina decantanti audenter exprobravit, suo vitio praetiosarum sit fuscator margaritarum.

então, a seguir, que não se engane nas partes da oração e na verdade romana, para que não pense compor eloquentemente, ignorando a verdade latina, e assim receba o riso em lugar de louvor; em terceiro lugar, que transcreva cada verso de seus poemas segundo sua regra, para que, como o rei Alexandre Macedônio que ousadamente censurou a alguém os cantos de um louvor decantado, não se ofusque por seu vício em pérolas preciosas.

Lista de palavras anômalas

I. de sapientia

aemulis: êmula

aeneon: êneon

aetreus: aetrea

affla: sopro

ardon: árdon

atramentor: pintar

audatus: ousado

calax: cálax

canitus: recitado

caraxo: caractar

construmentum: construção

decelsus: decelso

eloquentio: eloquencioso

fragon: crépiton

fumaton: fômon

interno: internar

minula: minusculice

moda: modo

offendio: deparar

omnimodatim: todamente

pada: (sem proposta)

perfendio: impelir

plastum: molde

quoquihabin: cozecidade

rusin: rúsis

sapido: sabença

scalatim: escalonadamente

siluleus: silúleo

spiridon: espírido

telleus: teleo

ustrax: ústrax

vitius: vido

II. de littera

a: A

b: B

bigerrus: variopintado

c: C

capisso: captar

caraxo: caractar

carminulum: poeminha

clefo: clefar

congluten: conglução

d: D

diciosus: dizente

directo: direcionar

e: E

f: F

fortiosus: força máxima, forte

g: G

goela: (mantida igual)

grammulum: gramatinha

h: H

hfascon: (mantida igual)

i: I

intimate: intimeza

k: K

l: L

legero: lecionado

liquisco: liquefazer

m: M

mulus: multa

n: N

o: O

palculus: meninote

proscriptivus: proscritivo

q: Q

quassum: abalo

r: R

s: S

soffo: sofiar

soffono: sofonado

spiridon: espírido

suffungor: fonteiar

t: T

u: U

x: X

III. de syllabis

al: (mantida igual)

aliquidatio: aliquidação

antesitus: antesposto

bpa: (mantida igual)

faus: (mantida igual)

gammus: (mantida igual)

monas: unidade

vernalis: subserviente

IV. de metrorum conpossitione

agglomo: aglomar

arctura: vida

avido: atiçar

belgalic: (mantida igual)

cantamentum: cantamento

cantatella: cantatela

clefium: clefia

confussibilitas: confusibilidade

dameth: (mantida igual)

deundo: ondulando

dialecta: dialeta

effibro: desmembrar

el: El

emulitas: imitacidade

facia: face

fiditas: lealdade

fonum: som, fono

gandis: gande

gresus: agrupamento

gurgo: gurgão

helium: Hélio

infatuus: adoidada

inmorosus: empenhada

internitas: âmago

legitera: lêgitra

leporia: eleganteza

leporicus: elegantado

loquilla: loquela

mah: (mantida igual)

margaleth: (mantida igual)

mazoron: (mantida igual)

mederius: medieira

mentiuncula: mençãozinha

mititudo: tranquileza

modela: módela

molus: moído

mon: (mantida igual)

mordatrix: mordetriz

pensatura: medida

perextensus: superextensa

perfellea: (mantida igual)

pervidatio: translação

pigito: pudor

piron: (mantida igual)

poema: poema

pope: popa

praeconizo: proclamar

praelum: pelejar

praepalo: dispersar

preca: prega

prosus: prosa

puplus: público

quadrifonus: quadrífono

raphaluth: (mantida igual)

rehtoria: retória

sapidiosus: sabencioso

sapidium: sabença

sapifico: sapidifica

semitula: atalhinho

sepiter: segundo

soffator: sofiador

soma: soma

syllabula: silabinha

taminon: (mantida igual)

tonte: (mantida igual)

tornor: torçor

trifonus: trífono

uxoro: ser feita esposa

CONCLUSÃO

Finalmente terminar o trabalho ao qual me propus nesta monografia é algo gratificante e, ao mesmo tempo, surpreendente. Afinal, durante os primeiros meses de orientação não me parecia possível escrever absolutamente nada sobre Virgílio Marão Gramático que não fosse papaguear o que já fora dito por Vivien Law, isto é, o único texto sobre o autor ao qual eu tinha acesso na época. Porém, conforme a tradução foi requerendo, pesquisas pontuais sobre partes do texto se mostraram frutíferas e revelaram o que pode ser considerada uma vasta literatura sobre a obra: passar de um único texto para seis deles foi um aumento exponencial. Ele pode não ter sido enorme, mas comparativamente foi muito relevante para avançar os meus estudos sobre esse autor tão pouco estudado, também permitindo que eu fixasse muitas das informações discrepantes e variadas sobre ele, das quais eu geralmente conseguia me lembrar apenas vagamente, como algo citado por Law em algum momento de seu livro.

A tradução em si foi, de longe, a parte mais importante e trabalhosa desta monografia, assim também como aquela que mais tomou tempo: aproximadamente seis meses, traduzindo sozinho por quatro horas semanais, revisando o resultado com o orientador por outras duas: ou seja, em média, foram três horas para cada página traduzida. Fazendo um cálculo, sem considerar variáveis diversas, foram perto de 140 horas sentado em frente ao texto – segundos durante os quais senti minha sanidade pouco a pouco se esvaindo pelos ouvidos. Com isso em mente, ao planejar um provável projeto de mestrado que leve este trabalho adiante, tenho dúvidas sobre a possibilidade factual de terminar a tradução da obra por completo: terminar os epítomes parece mais realista, então as epístolas seria um bônus, caso haja tempo hábil para concluí-las com qualidade. Ao mesmo tempo, ainda penso esta tradução parcial uma espécie de teste; ou seja, uma primeira avaliação sobre o modo tradutório que poderia ser utilizado numa versão mais ampla de Virgílio Gramático em português. Por isso a importância de uma monografia e de uma banca examinadora.

Depois de terminados os quatro epítomes é que de fato me detive nos textos a respeito de teoria da tradução. Enquanto essa abordagem talvez seja condenada

por alguns, acredito que foi necessário primeiramente ter um contato direto com o ofício e pensar por conta própria sobre as questões que o envolvem, de forma a adquirir uma vivência mais profunda sobre o que realmente é uma tradução, para imaginar como seria esta tradução específica. Ao fazermos uma comparação não totalmente aplicável para exemplificar essa abordagem, basta pensarmos em uma criança na aula de educação física: o professor explica apenas superficialmente os fundamentos básicos sobre determinado esporte, deixando a demonstração prática e o contato direto com erros e acertos fazer com que o aluno se interesse e entenda na pele os conceitos. Apenas então, depois de experimentada a ação é que as regras mais específicas de uma partida entre times são explicadas, ou então, conforme elas forem necessárias. O “impedimento” do futebol é um bom exemplo: apenas na teoria, todo mundo acaba se confundindo a respeito e tendo uma ideia muitas vezes deturpada sobre a regra.

Dessa forma foi o meu contato com a teoria da tradução usada como referência: primeiro eu traduzi, tentei formular minha interpretação prática para um texto complexo; para somente então ler e encontrar em Haroldo de Campos e Henri Meschonnic uma formulação teórica para aquilo que eu estava fazendo realmente. No caminho contrário, muito provavelmente eu acabaria lendo alguns textos, interessando-me por algumas abordagens mencionadas e tentando aplicá-las na prática, o que provavelmente acabaria em um trabalho frustrado, com mais erros do que acertos. Enfim, agora que já tive a vivência e alguns conceitos me foram melhor apresentados, creio estar mais preparado para estudar mais a fundo obras que digam respeito ao ofício do tradutor. Entretanto, inicialmente não pretendo largar os estudos linguísticos, pelo contrário: a visão da tradução com ato de linguagem é um ideia que me fascina, e acredito poder aprender mais a respeito com futuras leituras numa inter-relação com meus estudos linguísticos.

Resumidamente, posso dizer que com esta monografia eu adquiri um conhecimento muito mais profundo sobre o autor do que tinha antes, assim como também ganhei certa experiência no trato da tradução a partir do latim (algo esperado de um estudante da área de Clássicas prestes a se graduar). O trabalho mais aprofundado com o texto também desfez algumas ilusões que eu tinha sobre ser capaz de desvendar completa e absolutamente tudo a respeito do autor, sobretudo devido aos tantos problemas que envolvem a obra, os quais já foram

abordados. De modo geral, acredito que valha a pena ter Virgílio Marão Gramático traduzido integralmente, e me esforçarei para conseguir fazê-lo no mestrado – isso, claro, se o projeto for considerado relevante, entre outros possíveis empecilhos não pré-determináveis que a vida costuma jogar em nosso caminho. Durante o tempo que levar traduzindo o restante da obra, procurarei mais estudos acerca dela, de modo a encontrar um modo de usá-la mais eficientemente no campo dos estudos linguísticos – já que ainda me falta material para realizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo: Unesp, 1998.

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e crítica”. In: *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ERNAULT, Émile. *De Virgilio Marone, Grammatico Tolosano*. Paris: F. Vieweg/ Libraire-Éditeur, 1886.

HERREN, Michael. “Some light on the life of Virgilius Maro Grammaticus”. In: *Proceedings of the Royal Irish Academy. Section C: Archaeology, Celtic Studies, History, Linguistics, Literature*, 1979.

HOLTZ, Louis. (ed.) *Donati Ars Maior*. Paris, 1981.

HUEMER, Johannes. (ed.) *Virgilii Maronis grammatici opera*. Leipzig, 1886.

KAWCZYNSKI, Maximilien. *Essai Comparatif sur L'origine et L'histoire des Rythmes*. Paris: Émile Bouillon/Libraire-Éditeur, 1889.

LAW, Vivien. *Wisdom, Authority and Grammar in the Seventh Century – Decoding Virgilius Maro Grammaticus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LEHMANN, Paul. *Die Parodie im Mittelalter*. München: Drei Masken Verlag, 1922.

LÖFSTEDT, Bengt. (ed.) *Virgilivs Maro Grammaticvs Opera Omnia*. München und Leipzig: K. G. Saur Verlag GmbH, 2003.

MERERICH, Clement Orestes. *The Partes Orationis as discussed by Virgilius Maro Grammaticus with some observations upon his inflection and syntax, A Dissertation*. Baltimore, 1912.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

POLARA, Giovani. *(ed.) Epitomi ed Epistole*. Napoli: Linguori Editore, 1979.

WIENER, Leo. *Contributions Toward a History of Arabico-Gothic Culture (v.1)*. New York: The Neale Publishing Company, 1917.